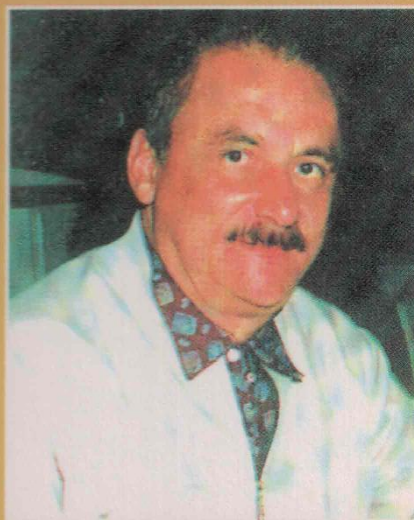
SERVOS DA MOEDA

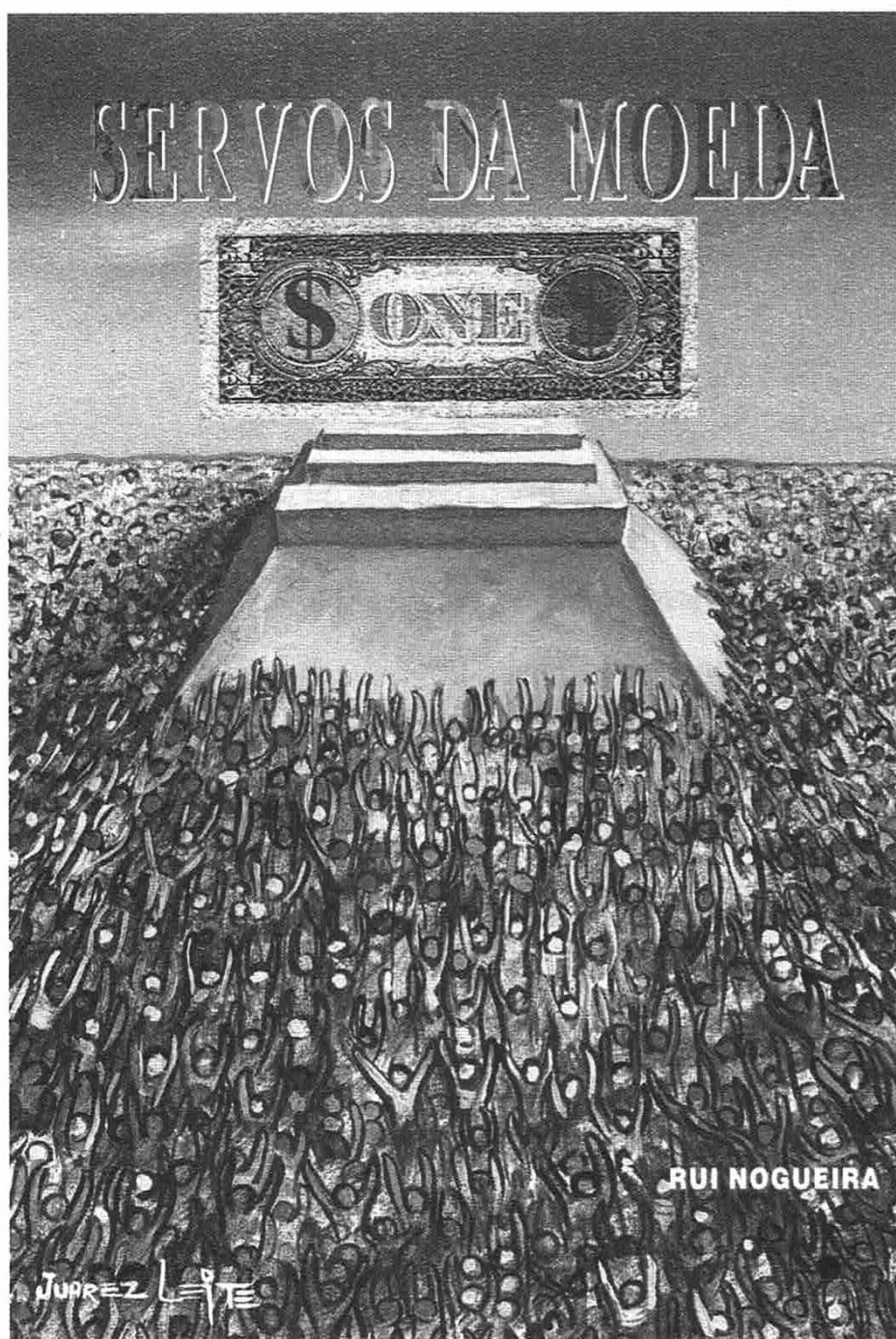
RUI NOGUEIRA

Juarez Leite

RUI NOGUEIRA, médico, escritor e teatrólogo, nascido em Blumenau, Santa Catarina. A família é do Ceará. Durante a infância morou em São Paulo e Mato Grosso.

Após escrever alguns livros de contos e peças teatrais, o autor envereda por um caminho aparentemente vedado aos leigos: as coisas da **riqueza**, do **dinheiro** e da **economia**.

Tudo a partir da sensação que invade a todos: há alguma coisa errada.

Deverá a humanidade servir aos donos da economia ou a economia servir ao bem da humanidade.

Primeiro em **NÃO DO SOL**, agora em **SERVOS DA MOEDA**, o autor mostra muitos aspectos das estratégias que estão sendo usadas pelos países dominantes para manter a dependência e servidão dos periféricos.

Brasília, 2001

1ª Edição - Maio de 2001

Edição e Revisão:
José Humberto Fagundes

Fotos:
Ronaldo Barroso

Ilustrações:
Concepção: Rui Nogueira
Desenhos: Juarez Leite

Capa:
Concepção: Rui Nogueira
Arte: Juarez Leite

Projeto Gráfico:
Rui Nogueira
Mauro Nunes Barbosa

Editoração e Arte-Final:
Mauro Nunes Barbosa

Autorizações e pedidos pela Caixa Postal nº 08862, AC - SHSul - BSB-DF.
CEP 70312-970 - Brasília/DF

Ficha catalográfica

N778n Nogueira, Rui
Servos da Moeda/Rui Nogueira. - Brasília: Coronário, 2001.
96 p.: il.

1. Moeda, 2. Política monetária, 3. Juros, 4. Cartão de crédito, 5. Financiamento. II. Título.

CDU 336.74
CDD 332.4

Meu neto Pedro não será escravo pela minha omissão.
Não quero vê-lo servo da moeda. Haverá de ser
um brasileiro consciente ajudando a fazer do Brasil
e o mundo um lugar para todos viverem bem.
Na missão de oferecer-lhe este instrumento
na construção da sua e da vida de muitos
netos e jovens deste país. Minhas homenagens
em especial algumas pessoas.

Wagner Vasconcelos do MV Brasil, movimento
de valorização da língua, da cultura e d
as riquezas do Brasil, representando uma
enorme lista de jovens que trazem de volta
a mística do estudante na vanguarda
dos destinos do nosso país.

Adriano Benayon que ensina
que economia como uma ciência,
também, para ajudar os brasileiros.

Mauro N. Barbosa representante dos
brasileiros que são maioria - dedicado
e competente no trabalho e no amor à nossa terra.

Juarez Leite extraordinário intérprete
em imagem, das idéias que desejamos
transmitir aos leitores.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Dinheiro, moeda, economia, mercado, valores.

Um livro abordando esses assuntos, nos dias atuais, para a maioria das pessoas, exigiria um autor com extensa lista de estudos, cursos, graduações em “universities”, escolas e universidades do “Primeiro Mundo”.

Entretanto, Servos da Moeda não é um tratado com as “teorias” que vêm sendo a base da sistemática exploração da maioria da população mundial durante séculos.

Este é o livro do pensar, do bom-senso, da observação do dia-a-dia da vida, da compreensão da situação das pessoas. É o livro firmado no mais profundo sentimento humanista: o mundo tem de ser um lugar bom para todos viverem.

Quando temos estes sentimentos, cria-se uma aura de certeza de que algumas regras difundidas nos meios acadêmicos e divulgadas entre a população têm de ser revistas.

QUEM TEM BOM-SENSO. QUEM TEM ESPÍRITO HUMANÍSTICO, SABE:

AS REGRAS QUE ESTÃO SENDO DITADAS NA ECONOMIA TÊM DE SER REVISTAS

Como acreditar na existência de uma “mão invisível” autônoma, que equilibra os mercados e os preços das mercadorias numa auto-regulação? Ainda mais nesta época da existência de redes internacionais de comunicação, com informações percorrendo distâncias à velocidade da luz e de corporações cada vez mais agigantadas e concentradas.

Como pode haver “mercado” e concorrência com pouquíssimas empresas controlando as produções e as atividades mais essenciais à vida humana?

TUDO QUE USAMOS VEM DE DUAS FONTES: MINERAIS OU VEGETAIS

Se os objetos do nosso uso diário vêm da natureza, quer dos vegetais (madeiras, chás, remédios), quer dos minerais (ferro, alumínio, argila), como será possível a humanidade viver bem se apenas pouquíssimas empresas dos países dominantes controlam a propriedade e as tecnologias dos minerais no mundo? Quantas controlam o estanho? O alumínio? O petróleo?

Diante disso, temos a esquisita situação em que um país, um território, não pode se considerar rico por possuir recursos minerais. As minas acabam passando para as mãos de corporações estranhas e os minérios têm os seus preços aviltados de tal maneira que, apesar da riqueza natural, os países e territórios estão sempre empobrecidos (vendem minérios a troco de quase nada e importam manufaturados absurdamente valorizados).

Vejamos outro aspecto da riqueza e da pobreza das nações. Nada se move, nada se transforma no universo sem energia.

O mundo atual está fundamentado numa estrutura em que os combustíveis fósseis, petróleo e carvão-de-pedra são as principais fontes de energia.

O petróleo, mesmo produzido em diversos países, está sob o controle predominante de sete empresas. Se elas detêm a principal fonte de energia, é lógico que controlam boa parcela do poder mundial.

As corporações transnacionais são proprietárias das jazidas minerais, dominam as fontes de energia, e controlam os meios de comunicação, concentrando cada vez mais fortemente as tecnologias. Com o domínio dos meios de produção e distribuição de alimentos e os bens indispensáveis à vida humana, a sensação de poder cresce em alguns povos e logo trazem

para a prática o conceito de "escolhidos de Deus". É a sensação de que são superiores à humanidade comum, que permanece num trajeto análogo à vida do gado: nascer, comer, crescer e morrer para uso de seus senhores (donos).

Há ainda o incrível privilégio de um governo poder emitir o tanto de moeda (notas) que quiser sem nenhuma correlação com a riqueza real (lastro-ouro ou produção industrial), e ainda usá-la nas trocas comerciais internacionais.

Seniorage? Senhoragem?

É um poder maravilhoso. Ter quanto de dinheiro (moeda) quiser e os outros terem de vender os seus produtos aviltados, bem baratos, para conseguir obter as moedas "fundamentais" para as suas transações. Por isso, somos Servos da Moeda.

Na Antigüidade, sobretudo na Idade Média, por direito divino, endossados pelas religiões, éramos, em grande maioria, servos da gleba, nascidos e criados sem qualquer perspectiva de melhor qualidade de vida, produzindo apenas para sobreviver e servir ao senhor dono da terra (gleba).

Nos dias atuais, endossado pela força, pela propaganda e até induzidos pelas correntes religiosas, somos servos da moeda. Passamos a nossa vida inteira presos a algum esquema de juros e financiamento em que todo o nosso suor e trabalho não se transformam em riqueza e melhoria de vida, mas são sempre carreados para os donos do poder financeiro.

Ontem, servos da gleba.

Hoje, servos da moeda.

Cadê os direitos humanos?

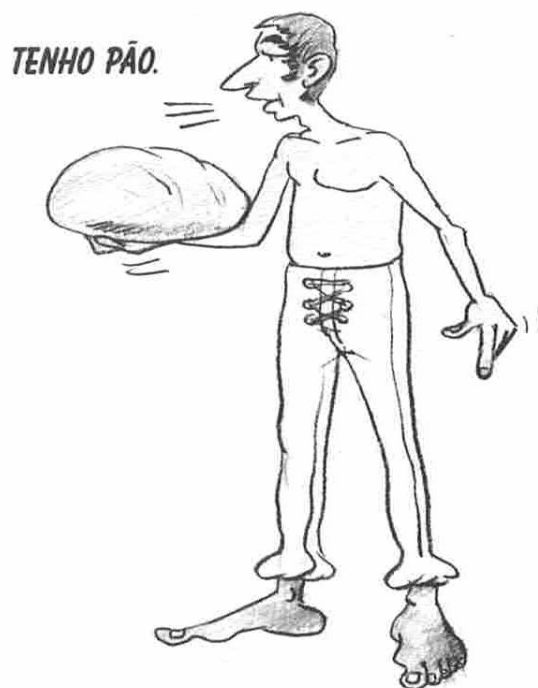
Quando teremos o amanhã humanista?

Será neste século XXI?

Queremos um século XXI sem servidão.

MOEDA

Definição do dicionário: pequena placa de metal, em geral circular, cunhada por autoridade soberana e usada, desde a Antigüidade, como meio de troca, de economia, ou como medida de valor.

Moeda ou cédula que tem uso legal, dinheiro. No início, havia apenas permuta, troca de excedentes.

Qualquer sistema que permita uma intermediação num processo de troca é moeda (moeda de troca).

Na guerra, o cigarro ou o pó de café foram usados como meio de troca. Podemos então dizer que moeda é um título que, por definição legal (curso legal), serve como meio de troca, de tal modo que qualquer bem seja cotado com referência à moeda. Pode ser metal, papel-moeda, lançamento contábil etc.

Moeda legal!

"Por esta lei, estabeleço que este pedaço de metal (a moeda) é o instrumento para saldar contas e débitos".

Se a moeda é estabelecida como instrumento, além de ser meio de troca, passa a ser **medida de valor**.

O valor de troca de uma mercadoria em termos de moeda é PREÇO.

O preço indica o número de unidades da moeda pela qual vai ser trocada a mercadoria ou qualquer outro bem.

A moeda não utilizada na compra de bens de consumo é poupada.

O que acontece?

MOEDA GUARDADA = ENTESOURADA.

A moeda guardada pode ser usada para compra de outros bens que não os de consumo: bens de investimento ou bens de produção.

Poderá, também, ser colocada à disposição de alguém (emprestada).

E como um país investe para melhorar a vida de toda a sua população?

- Junta os depósitos.
- Os impostos que arrecada.
- Utiliza a poupança.

Poupança é o que sobra quando se tira o que todos gastam.

Assim, vamos construir as coisas novas!

- As estradas.
- As escolas.
- Os hospitais.
- As fábricas.
- As moradias.

Neste ponto, há duas coisas muito importantes que não estão sendo divulgadas para você, leitor!

Para melhorar a vida de todos nós, o governo tem de investir.

Tem de aplicar moeda (dinheiro) nas coisas que produzem riquezas e qualidade de vida. Pode, então, fazer moeda (emitir) ou usar a poupança e arrecadação de impostos. Só o governo pode fazer moedas, emitir papéis que tenham valor legal de troca.

Na Grã-Bretanha, o Banco da Inglaterra, fundado em 1694, obteve em 1844 o monopólio de novas emissões de notas. A tendência, lógico, é a do monopólio pelos bancos nacionais, sob controle governamental.

Aqui uma pergunta curiosa:

Se você pudesse fabricar o seu dinheiro e o da sua família, você transferiria este poder para outra pessoa?

Não!!!

É lógico! Como controlar a moeda se outros podem fabricar o seu dinheiro?

É um absurdo que alguém, além da Casa da Moeda do Brasil, possa fazer o nosso dinheiro, como as notas de plástico fabricadas no exterior. É um lucro extra que passa para outros quando poderia beneficiar a sociedade brasileira.

Um exemplo fictício: se para fazer uma nota de R$ 10,00 o custo é de R$ 2,00 e o governo os coloca no banco valendo R$ 10,00, há um lucro de R$ 8,00 que deveria ficar com o governo, para beneficiar a população.

DINHEIRO BRASILEIRO TEM DE SER FEITO NO BRASIL

Todos nós gastamos uma quantia por mês para as nossas despesas - comida, transporte, roupas, habitação. Há uma sobrinha - é a poupança, que mesmo não sendo aplicada, fica no banco, está de posse do banco, que vai aplicá-la como quiser.

Por isso é um absurdo, uma falta de patriotismo, um crime de lesa-pátria permitir que um banco estatal passe para a mão de estrangeiros.

Eles usarão a nossa poupança, aquela resultante do seu suor e trabalho, fora dos interesses nacionais, pois, ou será usada para aumentar o poder do estrangeiro no Brasil, ou desviada para o exterior.

Vamos lá.

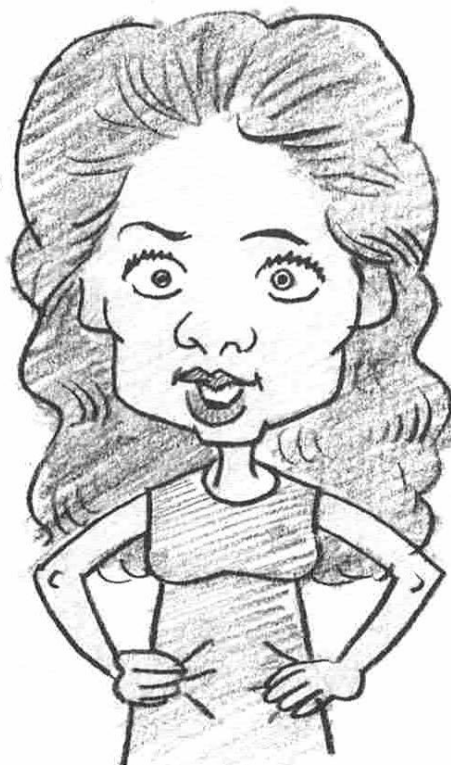
Pegamos um Estado como São Paulo, com 40 milhões de habitantes. Digamos que, de todas as pessoas, somente 20% tenham sobras no fim do mês, em média R$ 200,00.

Portanto, podemos calcular que oito milhões de pessoas em São Paulo tenham uma poupança média de R$ 200,00.

Haverá todo mês, gerados no Estado, R$ 1.600.000.000,00. Hum bilhão e seiscentos milhões de reais que poderão beneficiar toda a população.

É muito dinheiro, que num banco estadual (como o antigo BANESPA), poderia beneficiar de maneira extraordinária a população.

Deve-se deixar tanto dinheiro ir para fora?

Estão deixando!!!

Em vez da poupança ser aplicada em benefício da nossa comunidade, ela está sendo desviada!

Estão dominando tudo o que é importante no Brasil. Em Minas, até a fábrica de pão-de-queijo não é mais brasileira!

E vem aí o absurdo dos absurdos: a negociação mais idiota que um "governo" pode fazer! Que adjetivo merece o dirigente que aceita um negócio destes? E vem, primeiro, a pergunta:

Ora vejam! Um monte de pedras de meio-fio, pessoal trabalhando fazendo um calçamento e caminhão despejando cimento. E agora?

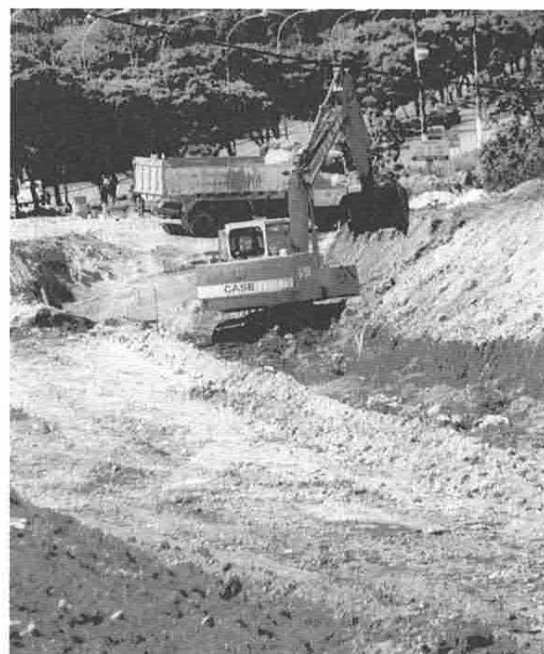
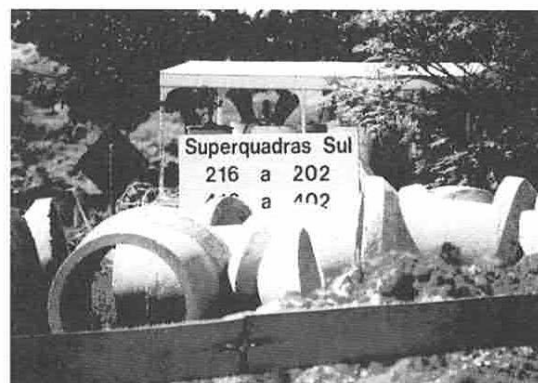
Manilhas. Isto deve ser para fazer galerias de águas pluviais.

É verdade, isso é em Brasília. Mas está sendo feito por prefeituras e "governos" de todos os partidos políticos, em todo o país.

Agora veja, meu caro leitor, a fotografia da obra aí ao lado. Bela paisagem sendo esburacada num grande serviço de terraplenagem. Neste local surgirá nova estrada, novo asfaltamento e viaduto.

Obras necessárias? SIM!

Mas para pagar terraplenagem, construção de viadutos, instalação de calçadas, abertura de galerias de águas pluviais, recapeamento de ruas, que moeda se usa? Os serviços são pagos com dólares?

Não! Todos dirão: NÃO!

Então, porque estão fazendo financiamentos no exterior para essas obras? Fazem um empréstimo em milhões de dólares no exterior... Os dólares nem chegam a entrar no Brasil. Afinal, tudo nas obras é pago em real - a nossa moeda.

PSIU! VENHA CÁ QUE VOU EXPLICAR.

Estes dólares vão para aonde? É feita uma contabilização para pagar juros da dívida externa.

No Banco Central, os valores do financiamento são escriturados como "empréstimos ou financiamentos" e temos mais uma portentosa dívida para ser paga por todos nós.

ACONTECEM TRÊS COISAS

Empréstimos desnecessários em dólares

Aumento da DÍVIDA EXTERNA

Compromisso do governo local para garantir o pagamento ao menos dos juros desta dívida

VEJAM AS CONSEQÜÊNCIAS

Criamos uma dívida desnecessária, passamos a dever sem precisar.

A dívida externa cresce muito, atingindo níveis perigosos de insolvência.

Governo Federal comprometido não pode dar reajustes aos funcionários

Todo financiamento das obras deveria ser feito pelo Banco de Desenvolvimento ou pelos Bancos Estaduais

Dificuldade de pagar que deveria ser evitada

Pioram a qualidade de vida e os serviços públicos

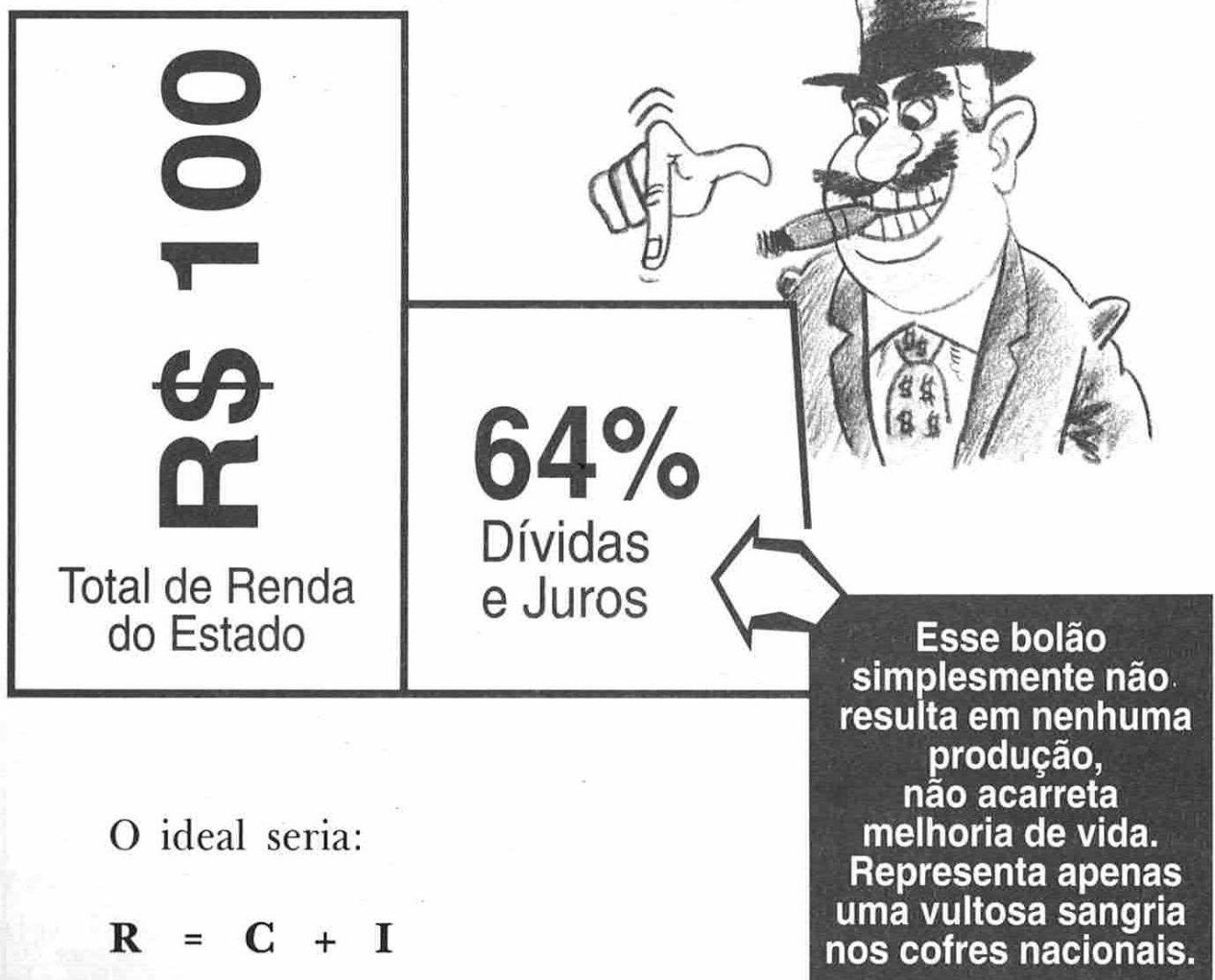
Uma visualização do problema:

R$ 100

Total de Renda do Estado

64%

Dívidas e Juros

Esse bolão simplesmente não resulta em nenhuma produção, não acarreta melhoria de vida. Representa apenas uma vultosa sangria nos cofres nacionais.

O ideal seria:

R = C + I

Renda do Estado é igual a Consumo do Estado mais os Investimentos. Mas temos:

R = C + I + Dv (despesas financeiras, mais dívidas)

Como as despesas financeiras bloqueiam 64%, restam 36% para o Consumo do Estado (manutenção da máquina e dos serviços públicos) e os Investimentos Públicos.

Todo mundo sabe e vê com os seus próprios olhos que o "governo" não está gastando nem o que precisa gastar, inclusive nos serviços sociais fundamentais (educação e saúde).

Então o que sobra para I (investimentos), para renovar estradas, portos, eletrificação, infra-estrutura em geral?

Pouquíssimo - até falta (vejam como andam as estradas e os hospitais públicos).

Isto significa que em vez de melhorar a vida sequer está havendo reposição. Não se substitui suficientemente a infra-estrutura desgastada pelo uso e pelo tempo.

O que temos?

Serviços públicos sucateados, de "pires na mão" sem equipamentos, mal pagos, sem recursos para qualquer política definida de aperfeiçoamento dos serviços.

É a destruição do Estado e da Nação!

Os brasileiros não podem aceitar isso!

É a política de pagar tanto juro das dívidas que obriga a diminuir o gasto com pessoal.

SE TIVERMOS FUNCIONÁRIOS MENDIGOS, SEM CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA, QUEM DEFENDERÁ O ESTADO?

E isto está acontecendo por que privilegiam o sistema financeiro. "Este é meu. Que se dane o povo!" É a máxima que vigora para os banqueiros.

Aos governos estaduais, prefeituras, universidades, secretarias estaduais, ministérios está sendo oferecida uma saída:

Vocês têm um caminho fora do orçamento!

Como pode! As forças armadas, os governos, as prefeituras, para fazer obras, investir em hospitais, escolas, equipamentos precisam obter financiamentos no exterior!

Para que existe governo aqui?

É um dinheiro extra-orçamentário. Mas aumenta a dívida e, no ano seguinte, já exige um percentual maior dos orçamentos, comprometidos para o pagamento dela.

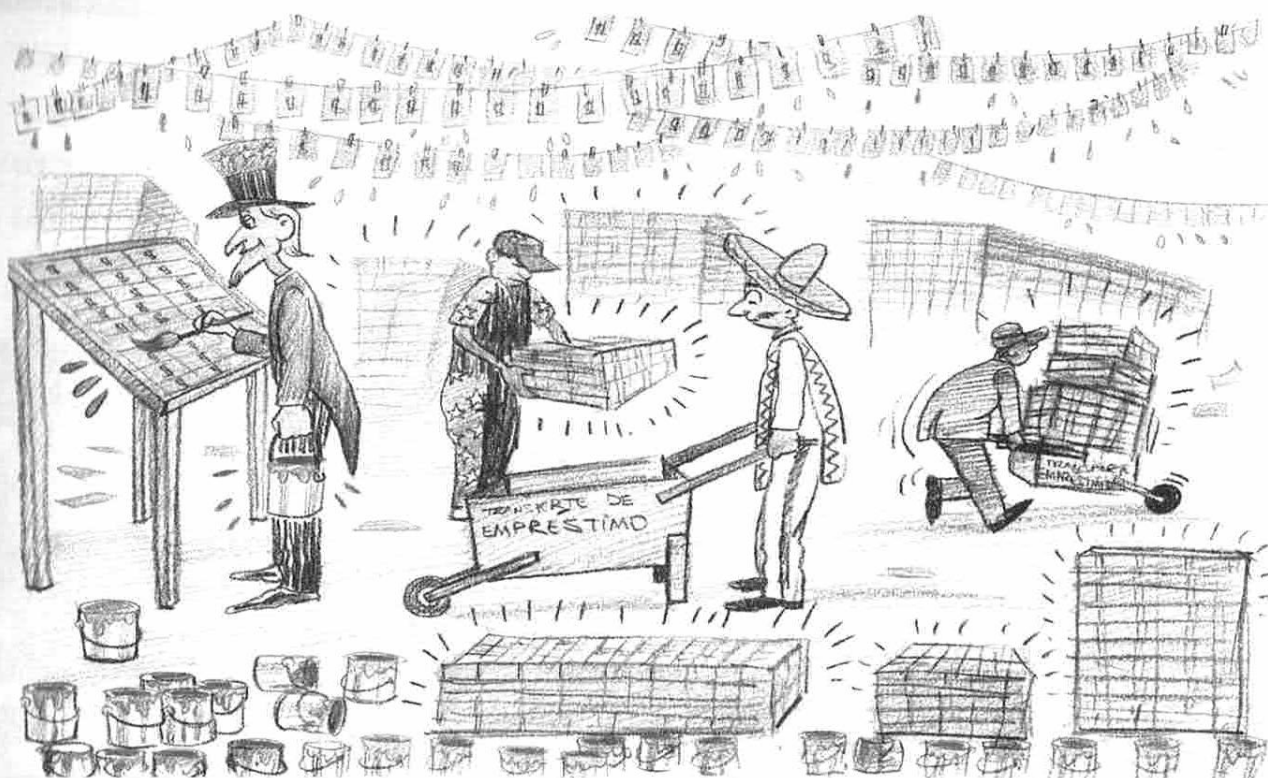
Temos de usar a nossa estrutura de bancos de desenvolvimento, estaduais, de poupança e a capacidade de emissão da moeda e expansão do crédito que o nosso governo tem.

VAI LÁ E FALA PARA TODOS

O GOVERNO NÃO PODE EMITIR MOEDA PARA OBRAS NO PAÍS, NEM EXPANDIR O CRÉDITO. EU, FORMADO PELA *UNIVERSITY* DE *USA*, PÓS-GRADUAÇÃO NA *ENGLAND UNIVERSITY*, AFIRMO QUE ISTO DÁ INFLAÇÃO.

POIS EU, FORMADO E CALEJADO PELA VIDA BRASILEIRA, QUERO DISCORDAR!!! E PERGUNTO: POR QUÊ?

Por que haveremos de escutar doutrinas e teorias que sempre privilegiaram a oligarquia dos países dominantes e sempre nos mantiveram, a todos nós, países da periferia, apesar de muitas riquezas naturais, empobrecidos, miseráveis, com tanta gente passando fome?

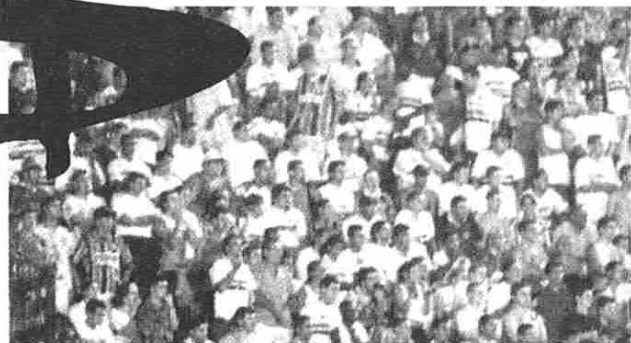
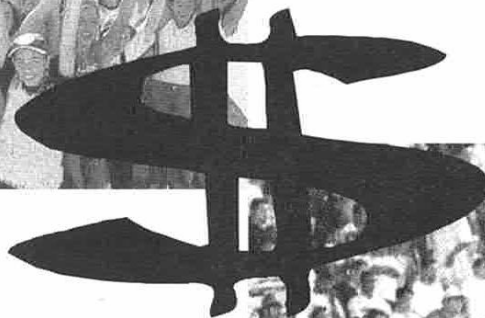
E me explique agora! São justas as regras que estão sendo ditadas na Economia?

Estão aí as máquinas fazendo notas de dólares para serem usadas em todo o mundo. Fazendo sem parar... Todos os países vendem os seus produtos baratos (em liquidações), premidos pela necessidade de ter dólares, porque o dólar tornou-se fundamental nas negociações internacionais.

É justo?

Não existe nenhuma lógica!

Doutores da Economia, estudantes do Primeiro Mundo buscam o ponto de vista, a ética que lhes é favorável e defendem a estabilidade do sistema atual em que o mundo é regido pela lei de "mercados". Julgam que fazer um montão de dólares não é inflacionário, mesmo emitido sem nenhuma base na produção de riquezas. Há apenas uma hiperprodução de "papel pintado" para o mundo usar em suas comercializações.

Por outro lado, os mesmos doutores da Economia e seus prepostos difundem a tese de que é inflacionário fazer ou emitir papel-moeda nos países da periferia, especificamente para investir, construir escolas, hospitais, fábricas, estradas, para melhorar a vida da sua própria população, sem aumentar a dívida externa em dólares ou comprometer as riquezas do país.

SOMOS ENGANADOS!

SOMOS VILMENTE ENGANADOS!

Para manter esta contradição ativa são omitidas informações, divulgadas opiniões pré-concebidas e criadas nas mentes da maioria das pessoas a idéia de que tem de ser assim. Estabelecem como "destino" sermos condicionados a aceitar como imutável um mundo em que apenas um pequeno número de pessoas usufrue dos confortos e prazeres que o conhecimento e a tecnologia podem oferecer. Enquanto a grande maioria dos seres humanos permanece nas raias do morrer de fome mesmo possuidora de muitas riquezas naturais em suas terras.

Será que não conseguiremos organizar uma sociedade com mais respeito à pessoa humana?

Na época de servos da gleba, era o medo religioso que dominava, o medo de ser assassinado em caso de desobediência, a aceitação da "morte para a vida" em nome de um céu que viria depois e havia, até, o medo real de passar fome caso se abandonasse a gleba.

Nos tempos atuais, criam-se os servos da moeda. E até países servos, pela conquista da mente, pela difusão de conceitos que nos transformam em escravos sorridentes, aceitando como

inevitáveis o domínio e a exploração. Há o uso de todas as técnicas de propaganda e persuasão, combinadas com a ocultação das informações que poderiam esclarecer e conscientizar as pessoas.

Mesmo assim, recorrem, também, às ameaças de invasões, destruição com armas atômicas ou com aparatos bélicos de alta tecnologia. Chegam ao ponto de acuar povos inteiros sob o flagelo da fome, pela sonegação de sementes ou bloqueio do financiamento dos plantios.

Somos enganados pelo posicionamento ambíguo dos países dominantes. Eles usam uma doutrina, uma conduta para o seu uso interno em que todas as atitudes sempre beneficiam os grupos de poder sediados nos países "ricos" e seus cidadãos. E outra para os países da periferia, em que permanece o objetivo de mantê-los fornecedores de matérias-primas e consumidores dos manufaturados que produzem.

Para nós, as teorias dos engravatados internacionais e seus ventríloquos nacionais preconizam as fronteiras abertas para toda importação e todas as facilidades para aqui fazer os seus "investimentos".

Não dizem que cada porcaria importada exige que se tenha dólares para pagá-las. Elas serão adquiridas pela nossa exportação de matérias-primas a preço vil, com isenção de impostos.

Não divulgam que os "investimentos" recebem muitas vantagens e subsídios, transformando-se em "sugatórios", pois os nossos recursos são remetidos para o exterior sob várias rotulagens.

Um exemplo ilustrativo:

Apareceu no mercado brasileiro um tubo de plástico com líquido para fazer bolhas, importado. Vendido por R$ 3,00.

Vamos imaginar que é comprado no exterior a R$ 2,00, portanto, cerca de U$ 1.00. Pois bem. Para pagá-lo, necessitamos vender 125 quilos de hematita, o minério de ferro necessário para fazer aço.

Bolha de sabão "ploc", desfaz-se. Minério de ferro vira aço, e quanta coisa se fabrica, inclusive para vir a ser vendida cara, aqui no Brasil!

É justo? É correto este procedimento? Desta prática, o que resulta? Compramos o que não precisamos e deixamos fechar as indústrias que produziam aqui muitos produtos. A consequência é o desemprego.

O próprio governo fica com menos recursos para investimentos, por causa das isenções de impostos e subsídios para exportação.

Nós empobrecemos. Nós tornamos ricos os estrangeiros "investidores". Nós damos empregos aos de fora. Beneficiados com as facilidades que permitimos, o que os países dominantes fazem? Taxam brutalmente todos os nossos produtos que possam fazer a mais leve concorrência com a sua produção interna.

Facilitam, com juros baixos, toda a produção própria, enquanto a produção de empresas de capital nacional é onerada por juros e outros encargos exorbitantes.

Em resumo: protegem a sua produção interna e buscam vantagens no exterior para os seus produtos.

O que vemos na prática?

Suco de laranja, açúcar, aço, calçados, o que produzimos de manufaturados aqui no Brasil têm todos os obstáculos e sofrem enorme taxação para entrar no exterior.

Por outro lado, os produtos primários como café, soja, minérios sofrem uma terrível desvalorização, uma vez que as condições de sua comercialização são determinadas pelos compradores, as grandes *tradings de commodities*, ou seja, grandes empresas comerciais que controlam o comércio mundial de alimentos e outros gêneros.

Para isso, há as desculpas de "facilitar vendas", competitividade, numa tese de mercado livre que está longe de ser real, pois o que se vê, na prática, é a manipulação dos mercados.

O que os países dominantes obtêm como resultado? A sua produção interna está sempre estimulada e protegida.

Há mais empregos disponíveis em seus países.

Pela melhor arrecadação, têm mais recursos para melhorar a estrutura de vida.

O QUE É BOM PARA ELES, OS NOSSOS PRÓPRIOS GOVERNANTES IMPEDEM PARA NÓS.

Qual a política preconizada para a nossa economia?

Importações livres. Exportações incentivadas. Livre remessa de lucros por parte das transnacionais.

Com as importações livres e sobrefaturadas, há uma sangria dos nossos recursos e uma necessidade crescente da moeda internacional, o dólar, para as nossas compras.

A principal razão pela qual as importações feitas pelo Brasil atingem valores altíssimos e causam constantes déficits na balança comercial é que os preços são fixados pelas empresas interessadas. Por exemplo, quando uma multinacional (transnacional) faz com que a sua subsidiária no Brasil importe da matriz equipamentos, componentes e matérias-primas isto é feito por preço muito acima do verdadeiro.

Não é, portanto, o "mercado" que faz os preços.

As exportações incentivadas e as isenções diminuem a arrecadação do governo, aumentam as despesas improdutivas (subsídios). O Estado, assim, fica com dificuldades para investir nas atividades essenciais.

Vamos ser claros! Gastamos cada vez mais para importar o que precisamos e o que não precisamos.

As empresas brasileiras perdem o mercado interno para as transnacionais.

As porcarias e as quinquilharias sem valor para a melhoria de vida e o crescimento da produção invadem o país.

O governo arrecada cada vez menos e, com as vendas das estatais, perde a afluência dos seus lucros.

Os produtos exportados têm os seus preços em constantes oscilações, mas tendentes à queda.

Assim, é lógico, nós empobrecemos!

Nesta realidade precisamos ainda analisar dois fatos:

1º - Na história da humanidade, há sempre dominação, subjugação, conquista. Nos dias atuais, apesar dos discursos de paz, harmonia e cristandade, a humanidade não tem os seus povos governados por santos ou iluminados, nem mesmo por personagens humanistas. Há sempre grupos dominantes que impõem atitudes e mentalidade de subjugação dos mais fracos, para que prevaleçam os seus interesses.

Portanto, não podemos ter a ilusão de que algum estrangeiro, sob a égide de interesses comerciais ou financeiros, esteja muito preocupado com o bem-estar do nosso povo.

O padre Vieira, por ocasião da invasão francesa no Brasil, quando houve apoio de grupos indígenas nacionais, afirmou:

"ELES NÃO QUEREM O NOSSO BEM, QUEREM OS NOSSOS BENS."

Isso é muito atual!

2º - Sob o ponto de vista da moeda, após a Segunda Guerra Mundial, numa reunião com a maioria dos países do mundo em Bretton-Woods, foram estabelecidas algumas recomendações para a convivência internacional, mesmo com uma situação forte da moeda americana, em que era controlada a movimentação de recursos, principalmente entrada e saída de grandes capitais nos países.

Fazer dinheiro, emitir moeda, não deveria ser livre - faço mais dinheiro e pronto, é só imprimi-lo. Isso não era aceito - deveria haver uma correlação, um lastro de riqueza para que a moeda na sua mão realmente equivalesse ao seu valor em riqueza (ouro). Foi a história do lastro-ouro.

Acontece que, desde 1970, o governo americano emite dólares sem nenhuma correlação com a sua própria riqueza e lastro, para atender à dominação do mercado mundial pela sua moeda. Precisam de muito papel pintado de verde e chamado de dólar para ser o meio de troca no comércio internacional.

Além disso, há nos mercados internacionais de títulos um crescente volume, hoje gigantesco, de papéis que não têm nenhuma correlação com a produção de riquezas e que, se todos forem cobrados ao mesmo tempo, não haverá dinheiro, moeda, para pagá-los.

Há muito jogo de papéis, ordens de computador, valores virtuais e sem lastro na produção real de riquezas.

Isso está exigindo dos países da periferia um esforço enorme com lançamento de títulos, papéis de dívidas, para conseguir dólares usados apenas para pagar contas, num círculo vicioso que se renova e cresce. As atividades fundamentais dos povos e os investimentos necessários para o atendimento de escolas, hospitais, transportes ficam cada vez mais "encolhidos" para atender ao serviço da dívida (juros).

Como país somos, hoje, servos da moeda, colocados pelo governo na ciranda internacional dos títulos.

Beneficiam-se apenas os interesses das empresas financeiras estrangeiras que têm garantido, ao menos, os juros da dívida. Dificultam-se e até mesmo impedem-se os investimentos nas áreas que traduzem melhoria da qualidade de vida para todos os brasileiros. Assim, a prioridade neste país é a do pagamento do serviço da dívida (juros).

Isso faz parte da estratégia das oligarquias dos países dominantes que procuram interferir, por intermédio de prepostos, na própria legislação dos países periféricos, para criar leis que facilitem a exploração, as isenções de impostos, a garantia dos lucros que deverão ser enviados para o exterior.

Assim, estão aí as leis de isenção de impostos para exportação, a da garantia de pagamento do serviço da dívida, da descaracterização do que é empresa nacional, do relaxamento dos controles sobre jazidas minerais, da desnacionalização das fontes de energia, da infiltração dos bancos estrangeiros no varejo do atendimento direto dos brasileiros permitindo-lhes recolher a nossa poupança interna e usá-la sabe-se lá como.

É uma "beleza"! O nosso país sempre pagando juros, sustentando os outros e o próprio povo sem condições de ter atendidas as suas necessidades mínimas.

Na prática, o que está acontecendo? Não há dólares suficientes para pagar os títulos que estão vencendo?

Saída imposta: emite-se um título com valor maior.

Suponhamos que o vencimento é em um ano, por exemplo. Este título é vendido nos mercados internacionais, muitas vezes com deságio de até 50, 60%, ou seja: o comprador internacional paga 100 pelo título que tem valor de face de 200, quantia que receberá, no vencimento, acrescida dos juros já estabelecidos (os maiores do mundo).

Enquanto bilhões de pessoas no mundo suam para sobreviver a duras penas, aqueles manipuladores fazem dinheiro à hora que desejam.

Observem: estamos pagando demasiado alto para obter dólares destinados exclusivamente a rolar dívidas anteriores. Isso não enseja investimento algum, nenhuma atividade produtiva surge desse dinheiro.

É O ABSURDO DO DINHEIRO DEIXAR DE SER A REPRESENTAÇÃO DA RIQUEZA, PARA QUERER SER A PRÓPRIA RIQUEZA.

Em vez de se atribuir valor ao que de fato é riqueza, como recursos naturais, o minério, a capacidade de produção de bens, os manipuladores mundiais do poder fazem crer que o "dinheiro" é a "riqueza".

Essa é uma falsa riqueza que, por meio da enganação geral, é aceita por quase todos.

Em que situação estão colocando o mundo?

Todos têm de colher os seus recursos naturais com suor e sacrifício.

Quem pode fazer dinheiro à vontade? É justo?

Pense: na operação dos títulos governamentais há os seguintes resultados:

- a dívida externa aumentou;
- não se criou nenhuma atividade produtiva;
- estamos vendendo matérias-primas baratas para conseguir dólares;
- privatizamos algumas empresas, o que representa de imediato menos patrimônio e, no futuro, perda crescente de renda e recursos:
- as prefeituras são induzidas a conseguir "financiamentos" em dólares, para fazer obras que não exigem dólares;
- o principal: a rolagem infinita das dívidas.

Assim, obrigou-se toda a sociedade brasileira a trabalhar e a produzir riquezas que são transferidas para os bancos e demais empresas estrangeiras detentoras dos títulos (ditas credoras).

Elas acumulam lucros, nós empobrecemos e tornamos a vida do nosso povo mais difícil.

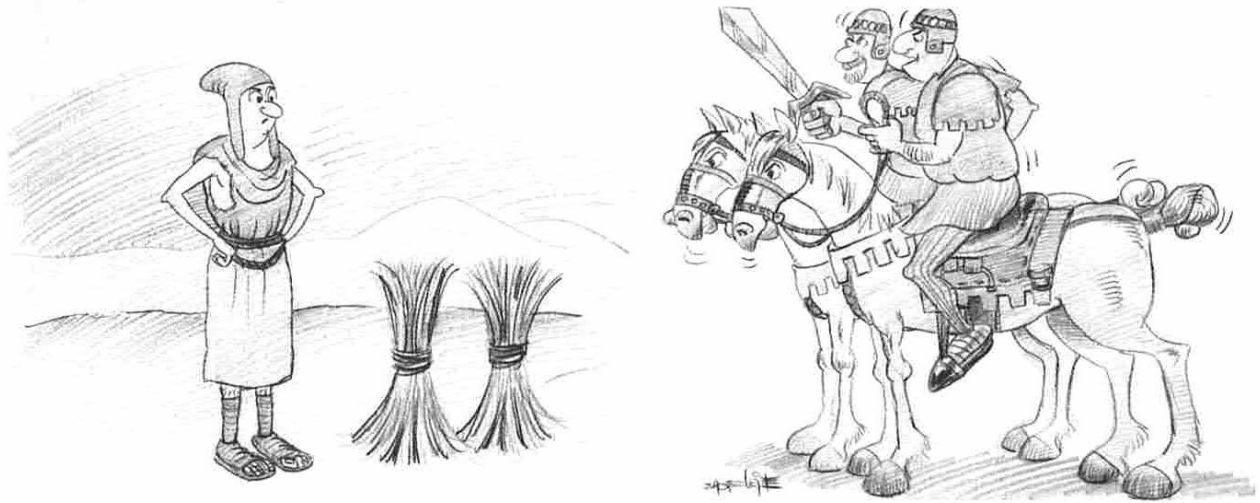
Nesta política, o que somos?

SERVOS DA MOEDA

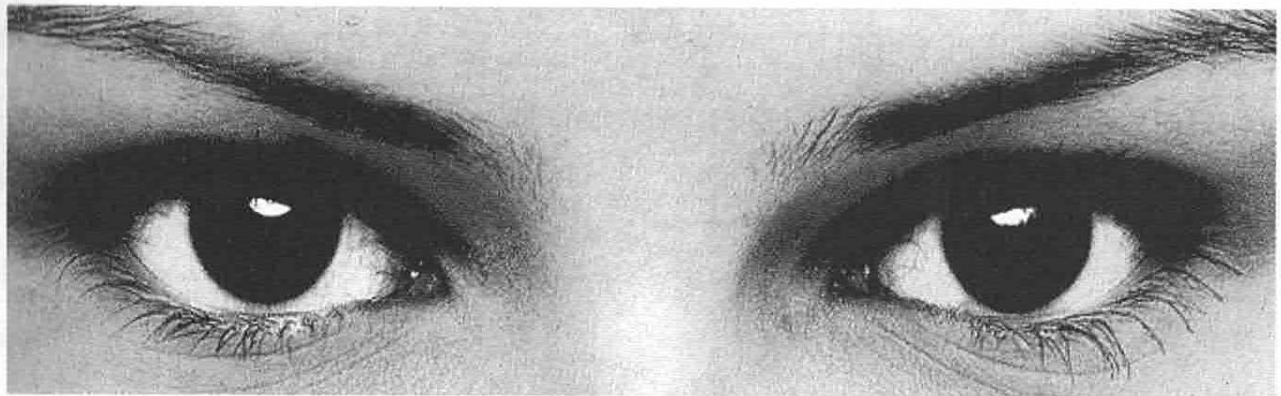
Isso é o que realmente somos.

Cada vez mais escravos, vivendo apenas para melhorar a vida dos "investidores" estrangeiros.

Nascemos, comemos, crescemos para passar a vida pagando financiamento e juros.

SERVOS DA GLEBA / SERVOS DA MOEDA

Do nascer ao morrer servindo ao senhor da terra! Servos da gleba.

A vida toda pagando financiamento e juros. Servos da moeda.

Veja, agora, com os seus próprios olhos, as mil facetas que demonstram que somos servos da moeda.

O que vai ser registrado, agora, pode até ser negado, mas que existe, existe!

Está aí um anúncio de cartão de crédito.

Você vai recebê-lo de várias maneiras.

De repente, por ter conta bancária, ser boa gente, debitam a taxa do cartão na sua conta e pronto, você se transforma num "feliz" possuidor de cartão de crédito.

Você faz as suas compras e tudo é apresentado como maravilha - você tem crédito - é um cidadão de primeira linha, tem projeção social.

Aí vem a conta e o salário que você recebe não permite o pagamento da dívida.

"Oh! Non se preocupe.

Eu ser "bonzinho", ajudar usuário de cartão.

Pague a taxa mínima que está especificada."

Este o enganoso diálogo do representante da financeira.

É o caso da D. Maria Filomena. Ela ficou apertada, sem dinheiro, pois deixara de receber o pagamento de uma encomenda de roupa. O que fez? Comprou alimentos com cartão de crédito!!!

Dá vontade de criticar...

Comprar comida a prazo! Coma agora, pague depois. Isso não está certo!

Mas, afinal de contas, todo mundo tem de comer! E o cartão estava ali, à sua frente, disponível.

D. Maria Filomena conseguiu colocar comida em casa. É a primeira necessidade do ser vivo!

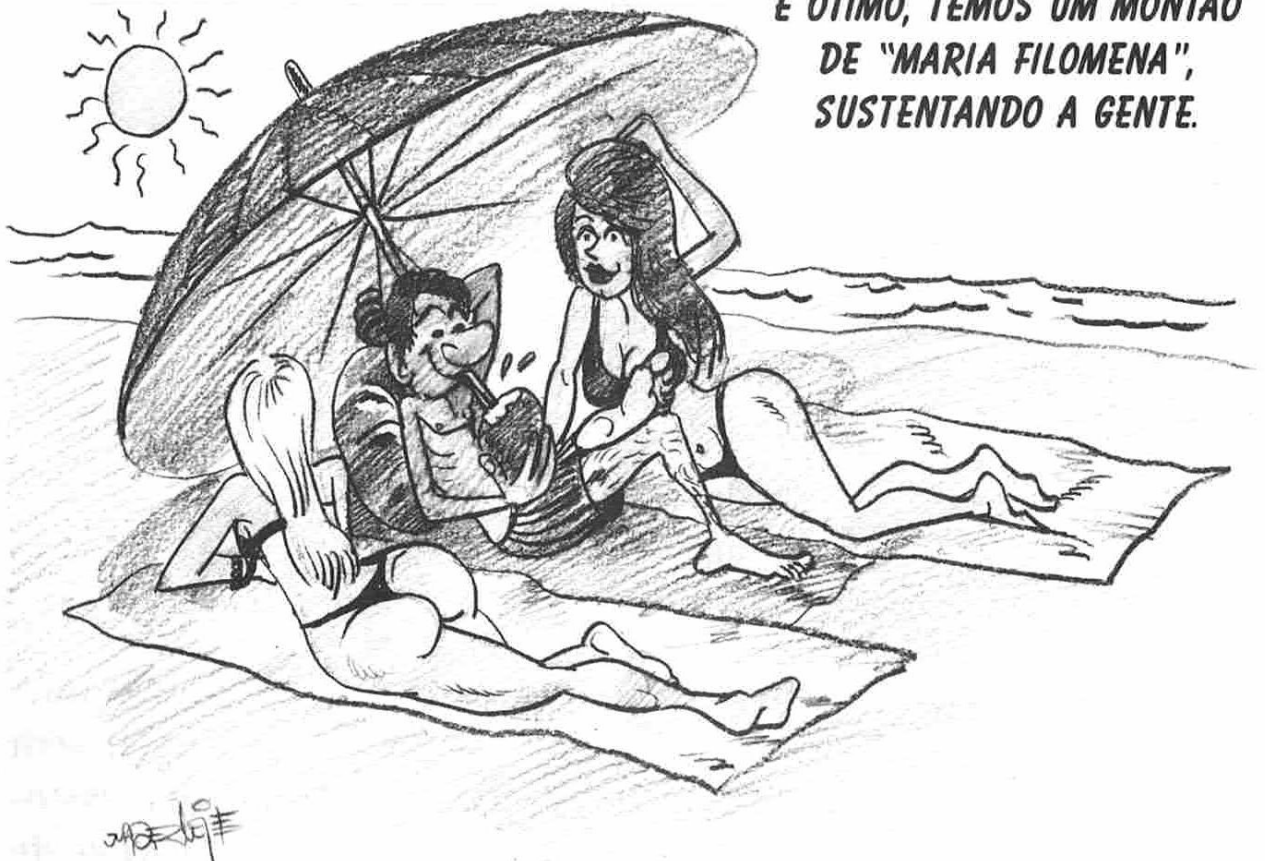
Mas, no uso do cartão de crédito, quem paga o valor mínimo indicado no extrato mensal do cartão praticamente só paga juros.

Se ficar fazendo isto, sabe o que acontece?

Nunca conseguirá pagar a dívida!

E tem mais! A situação é absurdamente pior.

Se D. Maria Filomena fosse a possuidora do cartão para usá-lo pagando juros em níveis razoáveis, ainda seria aceitável. Seria algo para facilitar a vida das pessoas. Mas a realidade é bem outra.

QUE BOM, DIZ O
BANQUEIRO FINANCIADOR!
É ÓTIMO, TEMOS UM MONTÃO
DE "MARIA FILOMENA",
SUSTENTANDO A GENTE.

Mas, vejam agora, um extrato de conta.

CARTÃO DE CRÉDITO BELOCASA

DEMONSTRATIVO DAS DESPESAS

Histórico	**Parcela**	**Crédito**	**Débito**
Saldo anterior			76,02
Encargos financeiros			8,70
Pagamento efetuado em 10.12.1999		11,40	
Tarifa de extrato			2,00

VENCIMENTO EM 15.01.2000

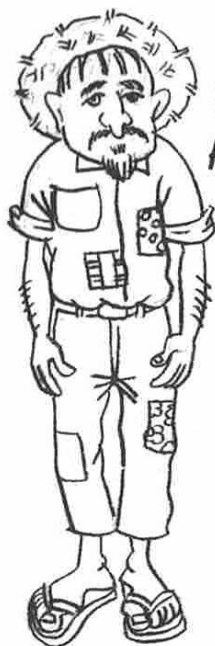
Limite de crédito	200,00
Encargos no período	14,5% am
Encargos máximos no próximo período	14,5% am

	SALDO ANTERIOR		**76,02**
	- TOTAL DE CRÉDITOS		**11,40**
	+ TOTAL DE DÉBITOS		**11,70**
TOTAL DA FATURA	**76,32**		
PAGAMENTO MÍNIMO	**11,44**	**SALDO ATUAL**	**76,32**

Você é um cliente especial. Em breve você estará recebendo novas vantagens para aproveitar ainda mais todos os benefícios que o seu cartão oferece.

O sistema de pagamento de juros é extremamente perverso. Pior que isto, é discriminatório. Coloca a maior parte da população como "pagadora de juros", submetida a um esforço sobrehumano de trabalho para permanecer incluída entre os que "honram os seus compromissos" e deixam pequena parcela de pessoas controlando o "dinheiro", pela permanente atuação de seus vorazes e ambiciosos executivos engravatados empregados no sistema financeiro.

Vejam como é absurdo o sistema de juros.

Um homem de bem, uma pessoa ética, um cristão, o humanista não teria coragem de fazer uma exploração cruel desta com ninguém. Como o sistema não é dissecado, nem é mostrado à população, os usuários apegam-se apenas ao fato de poder ou não pagar suas prestações (honrar seus compromissos). Isto transforma-se no mais importante valor ético passado para a população.

**E FICAMOS TODOS COM VIDA DE BOI:
NASCER, COMER, CRESCER, PARA PAGAR FINANCIAMENTOS E JUROS.**

É justo?
Olhem! Constatem como é absurdo o sistema de juros!

DÍVIDA*	MÊS	VALOR DEVIDO
100,0	1	114,5
114,5	2	131,1
131,1	3	150,0
150,01	4	171,88
171,88	5	196,8
196,8	6	225,33
225,33	7	258,0
258,0	8	295,4
295,4	9	338,25
338,25	10	387,3
387.3	11	443,34
443,45	12	507,75

Taxa de juros do cartão de crédito 14,5% ao mês.
* Com os juros, automaticamente, a dívida de 100 na hora em que é feita passa a ser de 114,50. Na composição de juros, computa-se a taxa e o tempo, no caso, mês a mês.

Portanto, ao fim de um ano, a dívida de 100 passa a ser de 507,75. Você, neste cartão de crédito, estará pagando 407,75 de juros em 1 ano. Mesmo fazendo pagamentos neste período, esta é a taxa de juros que está pagando!

É O ABSURDO DE PAGAR JUROS SOBRE JUROS

Vamos fazer mais algumas observações sobre o extrato apresentado:

Saldo anterior	76,02
Encargos financeiros	8,70
Pagamento efetuado em 10.02.1999	11,40
Tarifa de extrato	2,00

O valor pago representa apenas uma pequena parte sobre o principal. Para um pagamento de 11,44, houve aumento de 10,39 (encargo financeiro mais tarifa).

Nesse método, devido aos salários baixos da clientela, dificuldade de emprego, os pagamentos efetuados em valores próximos da taxa mínima permitem que os meses corram, e, ao final das contas, o usuário pague várias vezes a conta inicial.

Além disso, muitas vezes, o saldo devedor se torna maior, pela acumulação dos juros.

Neste extrato, há, ainda, uma taxa de dois reais a título de "fornecimento de extrato".

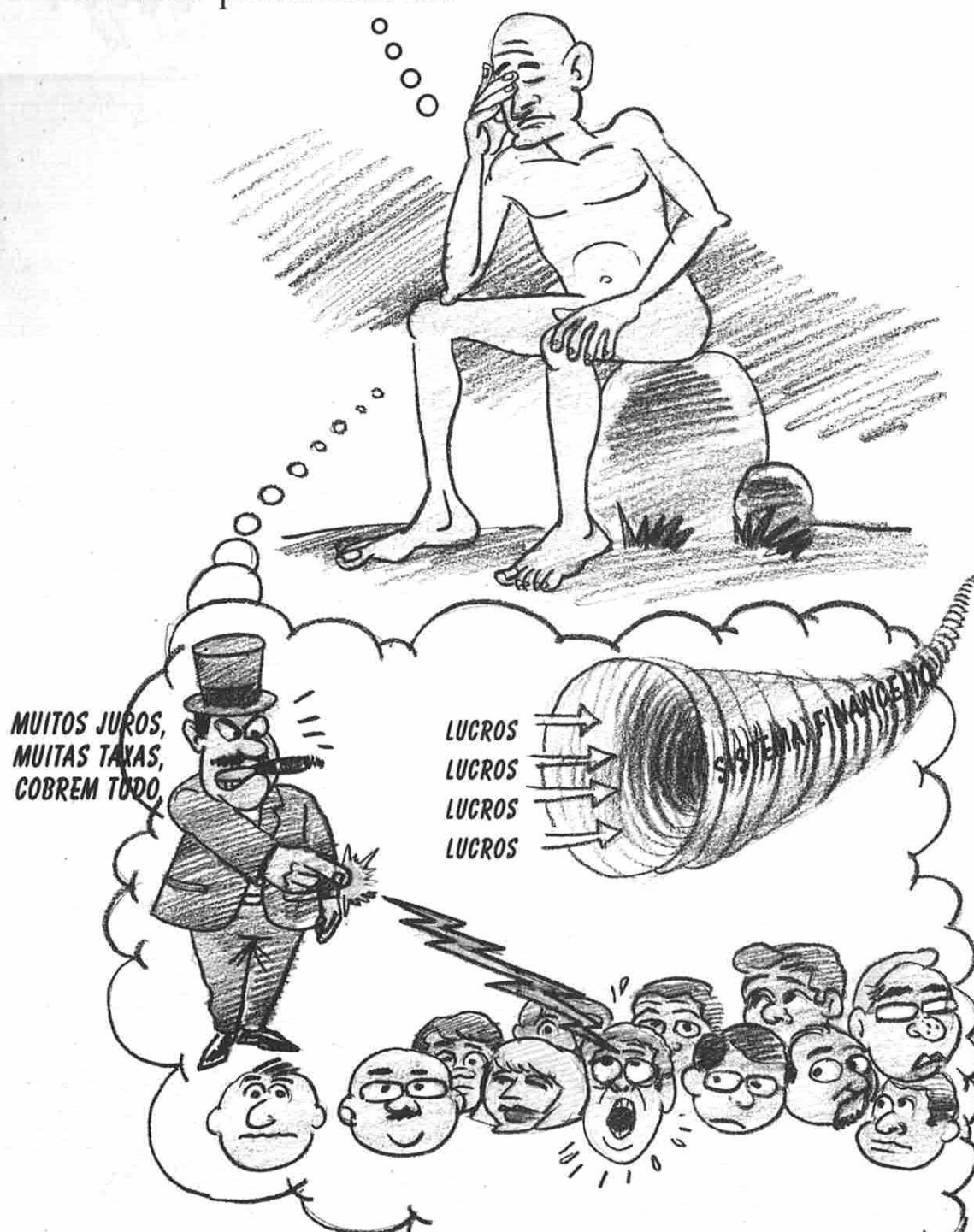
A população em geral, acostumada apenas ao dia-a-dia de um modesto salário mensal, não atina o que esta pequena cobrança pode representar.

Basta fazer um cálculo bem simples: suponhamos que a empresa do cartão de crédito tenha um milhão de clientes no Brasil. Isto vai representar um recebimento de dois milhões por mês com esta taxa de R$ 2,00. Ademais, com a incorporação dessa quantia aos saldos devedores, mais juros são engolidos pela "instituição" financeira.

Pergunta-se: ante uma cobrança tão alta de juros pode-se considerar justa e correta esta taxa em separado?

Mas os clientes são muito explorados e pagam tudo!

Suportam juros de 14,5% ao mês! Mais de 400% ao ano. Estas empresas trabalham com grandes números! Um milhão de cartões com a taxa anual de R$ 20,00 representa vinte milhões. Quanto apuram com a taxa de adesão ao cartão? Somos explorados servos da moeda.

E vêm pensamentos...

Não interessa o porquê. Aquele não pagou, é um canalha! Tem de ser colocado em todas as listas negras! Fica sem crédito, sem mulher, sem nada!

E vêm pensamentos...

Deverá a humanidade servir aos "donos" da economia ou a economia servir ao bem da humanidade.

Não é possível que alguns "escolhidos" mantenham a maior parte da humanidade quase morrendo de fome.

Queremos outro futuro: humanismo, eqüidade e simbiose.

E vêm pensamentos...

PELO AMOR DE QUALQUER COISA!
NÃO DEIXE ELES PENSAREM!
COLOQUE MUITA EMOÇÃO EM TUDO
QUE NUNCA AFETARÁ O NOSSO SISTEMA!
ISTO VAI DISTRAÍ-LOS.

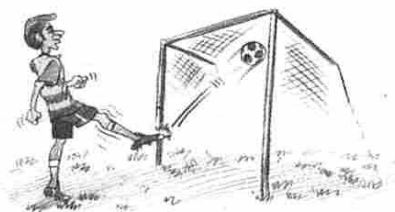
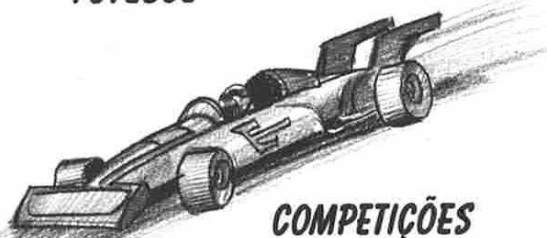
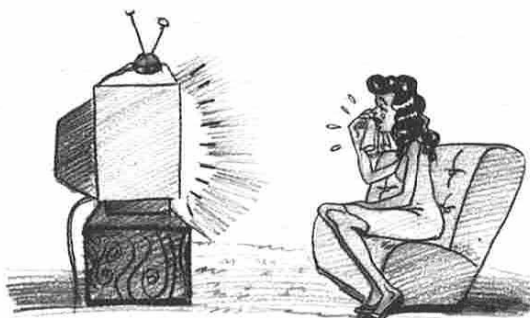
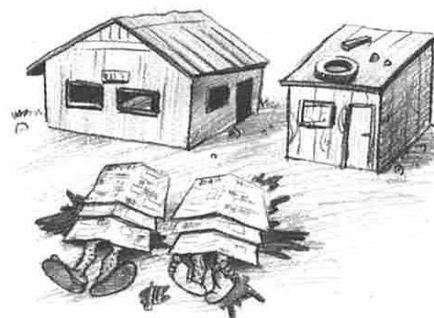
BUNDA

FUTEBOL

CARNAVAL

COMPETIÇÕES

"ESTICADINHOS"

DRAMALHÕES

NÃO VEJO NADA DE BOM!
UM BOM PROFESSOR.
UM SERVIÇO ORGANIZADO.
DESTAQUE PARA
DESCOBERTAS BRASILEIRAS.

Atenção dispersa facilita a servidão. Senso crítico poderá desnudar o processo e permitir as transformações no Século XXI.

E vêm pensamentos...

Porque tudo isto não é feito sem financiamento estrangeiro?
Porque não se usa os bancos de desenvolvimento brasileiros.
Para que existe o governo brasileiro?

E vêm pensamentos...

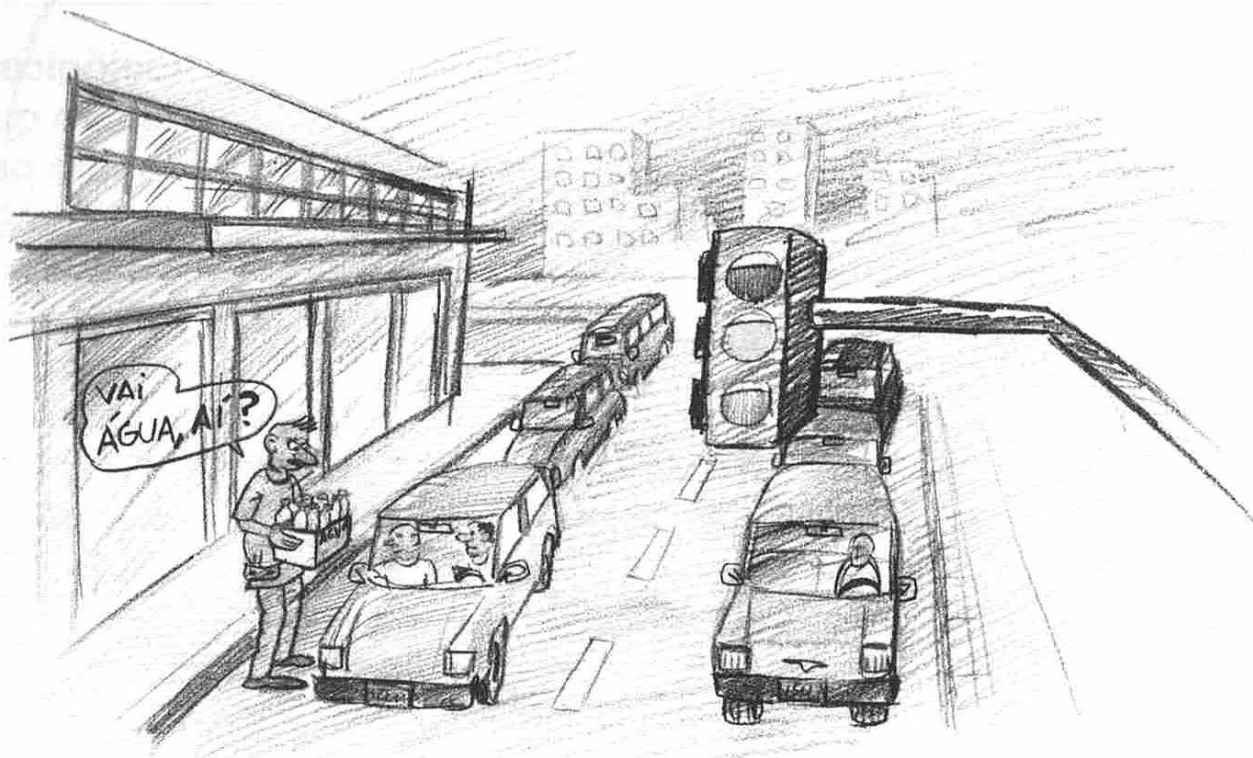
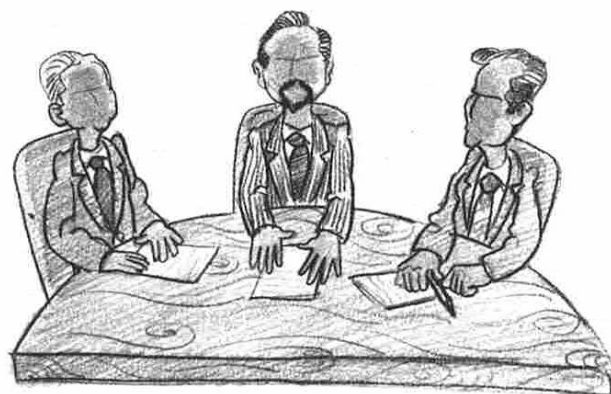
E tem mais: vai ficar cada vez mais difícil eleger um patriota, um nacionalista independente.

Feliz acionista da maior empresa química do mundo. Aquela que fabrica os cloro, flúor carbonos, responsáveis pela destruição da camada de ozônio da atmosfera terrestre. Dirigente da empresa que fabrica Eldrin, Dieldrin, Aldrin (venenos terríveis) que já mataram muita gente. Fabricante de minas terrestres. Membro do clube que faz campanhas mundiais para comprar pernas mecânicas para os aleijados pelas minas. Grande especulador nos meios financeiros. Aplica milhões em empresas que exploram o trabalho humano no mundo. Em nome da qualidade e produtividade desemprega milhões de chefes de família, deixando-os na miséria. Recebeu muitos prêmios nacionais e internacionais. Para o público, um homem de sucesso, muito divulgado pelos meios de comunicação. É um homem de bem?

Líder da horta ecológica comunitária. Pai zeloso que procura ser um exemplo para os filhos, solidário com amigos e vizinhos em todos os momentos. Há dois anos pagando a taxa mínima de um cartão de crédito que não solicitou. Agora atrasou o pagamento. Está na lista de inadimplentes, banido do sistema bancário pelo Banco Central. Para o público, um mau pagador abominável. Não merece nenhum crédito. Nunca aparecerá na mídia. Não é um homem de bem?

Entraremos e permaneceremos no século XXI com esta ética perversa, tendo a competitividade como um nome bonito para a exploração, o egoísmo e a individualidade destruindo qualquer trabalho em conjunto com a participação de todos para criar um todo melhor para cada uma das partes?

Quando o homem de bem será alguém que é exemplo e educa bem seus filhos? Alguém que sabe trabalhar em conjunto e luta para que o mundo seja um lugar bom para todos viverem. Quando nos libertaremos da situação de Servos da Moeda?

É incrível, mas ainda há muita gente que acha natural dois terços da comunidade permanecer sem uma alimentação decente - a necessidade mais básica do ser humano.

Catadores de latas...

Seriam escravos? Não. Eles não existem mais no mundo. Dizem...

Estão buscando latas vazias para reciclar. Tudo sob uma bela auréola de proteção ao meio ambiente. Mas são as mesmas empresas que entopem todo o meio que nos cerca com garrafas de plástico que levam 100 anos para se desmanchar na natureza e correm leva-

das pelas águas para entupir bueiros, galerias e canais, além de emporcalhar os rios e os mares.

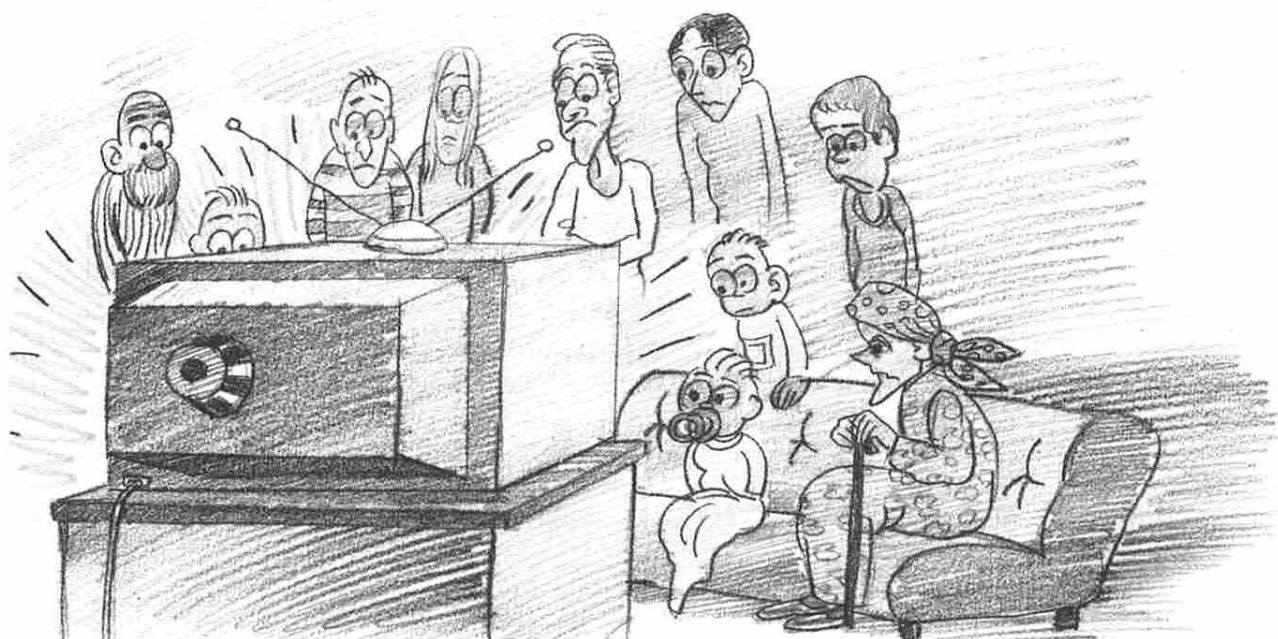
Elas não usam garrafas de vidro, que, retornadas, não causam esses problemas.

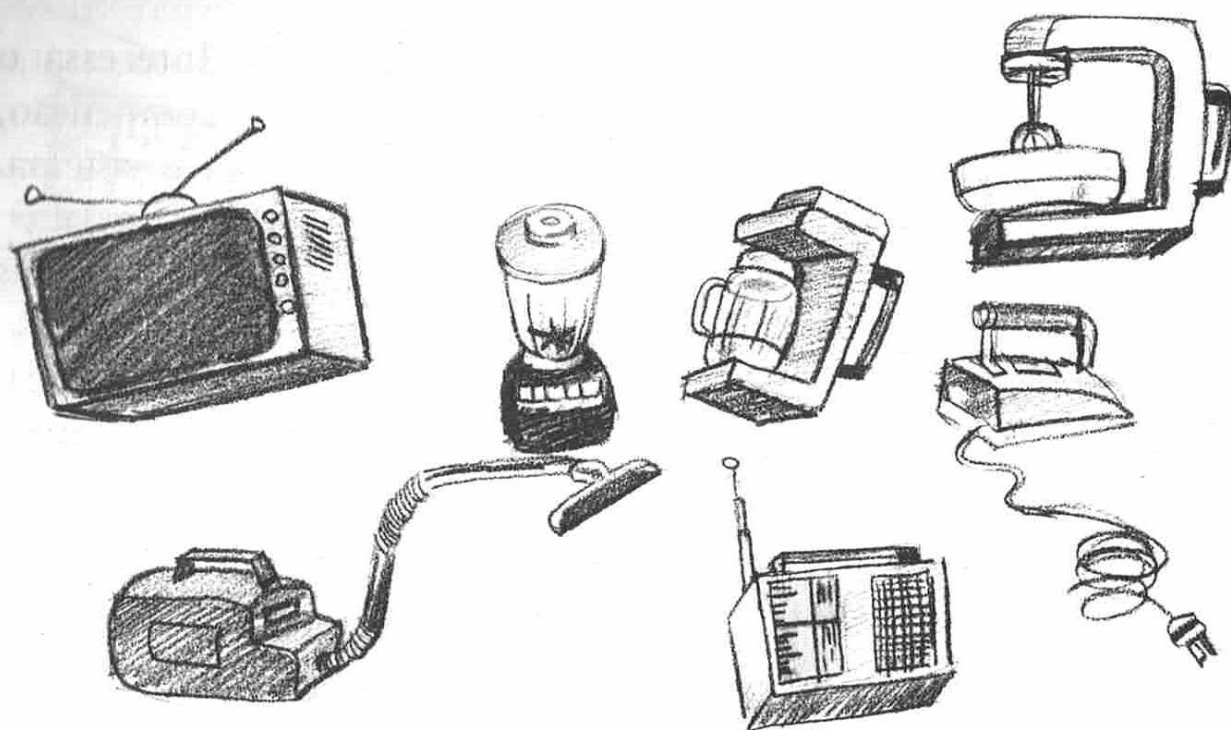
Entretanto, as empresas têm de ganhar mais. Interessa o lucro, não a qualidade da vida humana. Entram na competição, minimizam os custos para garantir maiores lucros para o sistema. Quanto ganha um desafortunado destes por um quilo de lata?

De antemão, sabemos que um quilo reúne de 61 a 65 latas de refrigerante ou cerveja e é pago a R$ 1,66.

Aí vamos procurar e descobrimos que cada lata de refrigerante repassa para o exterior cinco centavos a título de "direitos". E vem a notícia de que nesta terra refrigerante pode ser considerado "alimento" e obter isenção de impostos. O governo local não arrecada nada com um produto cuja necessidade é artificial e continua distribuindo isenções!

O grande contraste! Para não fazer nada, com um produto que não é alimento, mas uma necessidade criada artificialmente, envia-se cinco centavos para o exterior.

Para o trabalho estafante, buscando, buscando, amassando latas, juntando, reunindo-as para os receptadores: dois centavos. Para os mais pobres sempre o maior castigo: o esquema de escravidão, servo da moeda!

Criam-se muitos sonhos de consumo.

Afinal, estamos no século XXI. Todo ser humano tem o direito de possuir alguma coisa. Os objetos de desejo, entretanto, vão mudando e se sucedendo.

LEVE PARA CASA UM MARAVILHOSO APARELHO. TUDO FACILITADO. LEVE AGORA E PAGUE EM UM MONTE DE MESES.

Os preços não estão ao alcance da maioria, para comprar à vista, em dinheiro. Além disso, o desejo de possuir o bem é muito grande.

Conclusão: vamos comprar financiado!

Na hora da compra... Tudo bem!

- É... Assim nós damos conta de pagar todo mês, é o pensamento dominante do consumidor.

Servo da Moeda...

Sem perceber, está sendo vilmente explorado. Pagará **289%** de juros ao ano.

Se o objeto custa R$ 100, pagará R$ **389** por ele.

Isso se o financiamento for somente em um ano.

É lógico que não podemos ser contra qualquer sistema que permita e facilite a aquisição de bens e objetos que ajudam na vida diária.

Uma geladeira vai permitir a conservação de alimentos.

Um bom fogão possibilita prepará-los melhor. Temos aí conquistas do mundo moderno.

Mas não há justificativa para transformar essas e outras aquisições de bens básicos para a atual vida humana em fonte de lucros absurdos.

Tudo fica pior quando observamos que a maior parte das financeiras é estrangeira e todo o gigantesco e absurdo lucro tem de ser transformado em dólares para ser remetido para a matriz no exterior. E, para exportar, há isenção de impostos.

Trabalhamos duro duas vezes: uma para pagar o financiamento, permitindo um lucro abusivo aos financiadores; outra em minas e plantações, gerando exportações que vão fornecer os dólares que serão exportados como lucro pelas financeiras estrangeiras.

Servos da Moeda!

Transformamo-nos em escravos, com uma vida sem perspectivas, pois passamos toda ela suando e trabalhando para pagar financiamentos e juros.

É justo?

É bom para todos?

Traz melhoria para a vida?

Será admissível entrarmos no século XXI explorados desumanamente, como servos da moeda?

* * *

Depois da comida, todo ser humano tem a necessidade de proteção. Não pode ficar à mercê das intempéries, sob sol ou chuva.

Aí vamos ver o feliz dono de uma casa. Vai chegar no final de sua vida como legítimo proprietário, após pagá-la a vida inteira. Vamos trazer, para os leitores, um exemplo de financiamento da casa própria.

D. Lina não admite pagar aluguéis, norma que vem de família: o pai sempre dizia que cada um deve ser dono de sua moradia.

Como as mulheres assumem cada vez mais o papel financeiro nas transações de moradia, escolhemos o seu exemplo.

Escolheu um apartamento modesto, em prédio sem elevadores, num bairro em expansão, numa capital.

Valor do bem	R$ 54.000,00

Conseguiu arrecadar de antigas poupanças além da venda de um carro velho o

Valor da entrada	R$ 16.400,00

Portanto um

Valor financiado	R$ 37.600,00

O prazo para a amortização: 180 meses

Ou seja: 15 anos

Nossa compradora fez negócio em março de 1995, começando a pagar o financiamento no mês seguinte.

Vale lembrar que, antes de começar a pagar o valor de R$ 37.600,00 financiado, ele se transformou em R$ 94.231,80, isto sem considerar nenhum reajuste`das parcelas.

PRIMEIRA PRESTAÇÃO	Valor total	Amortização	Juros	Seguro
	R$ 523,51	R$ 82,87	R$ 370,67	R$ 69,97

Vamos ver o que representam os componentes do que pagou.

Para começar, sendo uma professora, o total da prestação representa quase todo o salário de um turno de aulas, nos estados que pagam melhor.

Terá de assumir o trabalho nos três turnos para comprar alimento e sobreviver. Compra de livros fica difícil, novos estudos, mais ainda. Da sua dívida só abateram R$ 82,87, mas pagou R$ 370,67 de juros.

Que seguro é este?

Pagou quase o valor da amortização!

Pois é, D. Lina não sabe dizer, não tem a apólice e, sendo o seguro um contrato para cobertura financeira de um risco determinado, não tem a menor idéia de qual a sua utilidade.

No fim do ano, o que temos?

Pagou um total de 5.258,53.

Sendo:

R$ 866,00 amortização	R$ 3.689,72 juros	R$ 702,81 seguros

É justo?

Se parar de pagar, o seguro não cobre coisa alguma (pelo menos no que concerne ao devedor, que é quem paga esse seguro). A garantia é o imóvel. O imóvel é a própria garantia e será retomado se persistir a falta de pagamento.

Aqui fica visível o processo de espoliação.

Há os lucros (juros). Há o seguro.

Se tudo isso passa para a mão de estrangeiros e os lucros são remetidos para o exterior, o que acontece?

Ainda há necessidade de exportar muitos produtos para haver moeda suficiente para esta remessa.

Mas ainda tem mais!

D. Lina não leu bem o contrato de financiamento. Mas lá está escrito:

"O saldo devedor do financiamento, ora contratado, será reajustado mensalmente, no dia indicado (vencimento da prestação), mediante aplicação de percentual igual ao utilizado para atualização dos saldos em depósitos de cadernetas de poupança livre (pessoa física), mantidas nas instituições integrantes do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimos."

Maravilha!!!

A financiadora, além de receber os juros que estão remunerando o capital (valor do financiamento), tem o saldo devedor aplicado em caderneta.

Tudo incorporado ao saldo devedor que sempre vai crescer.

Servo da Moeda!

D. Lina está escravizada ao financiamento.

Quantos estão assim?

É justo?

O somatório do valor da prestação mensal de amortização, juros do financiamento e dos valores do seguro será reajustado mensalmente, no mesmo dia do mês designado para o seu vencimento, pelo mesmo percentual de reajuste do saldo devedor.

ANTES DE PAGAR JÁ FOI REAJUSTADO!

E não estamos falando, aqui, sobre a diferença entre o que é cobrado pelo bem (apartamento) e o custo do metro quadrado da obra. São, também, muito abusivos estes lucros.

Há um aspecto terrível nesta história. Ao fim de todos os meses de pagamento do financiamento, com as correções, haverá um grande saldo devedor. Houve época em que este saldo era negativado por um seguro ou um fundo de reserva. Mas atualmente haverá uma proposta de refinanciamento da dívida. Tudo recomeçará.

Parece que estamos caminhando para o financiamento com pagamento eterno.

Isto acontece porque a amortização do principal, do valor financiado, é virtual por ser pequena e a correção acaba sendo maior. É justo?

Financiamento com amortização virtual.

Servos da Moeda, compelidos ao pagamento eterno...

FINANCIAMENTO COM AMORTIZAÇÃO VIRTUAL, FINANCIAMENTO COM PAGAMENTO ETERNO.

COMERCIANTE ESTABELECIDO: TAMBÉM SERVO DA MOEDA

Como era a situação comercial até poucos anos atrás?

As mercadorias para revenda eram compradas vinculadas a duplicatas com prazos de 30, 60, 90, 120, até 160 dias.

Colocadas nos balcões de venda iam saindo, permitindo a entrada de recursos para quitar as duplicatas nos vencimentos.

Além disso havia o chamado fomento-financiamento que chegava aos pequenos (vinha do BNDES) com carências de 6 meses a 1 ano e pago em pequenas parcelas.

É verdade que havia os inescrupulosos que desviavam o fomento para comprar casa ou carro, mas isto não invalida o sistema. Basta que haja fiscalização.

E hoje?

O comerciante não tem capital de giro. Usa empréstimos para pagar em 30 dias, ao fim dos quais renova a dívida num crescente.

Os pequenos comerciantes preferem e são estimulados pelos bancos para o uso do cheque especial, com juros de 9 a 12% ao mês, com uma inflação que dizem ser de menos de 1% ao mês.

Não há nenhuma lógica para tal juro.

Vamos, agora, ao exemplo prático do Sr. Manoel.

Para se montar um negócio não há nenhuma exigência. Basta apresentar a carteira de identidade e o Cadastro de Identificação do Contribuinte (CIC). Assim, para a maioria dos novos empresários, não estão disponíveis os conhecimentos teóricos da atividade comercial.

Iniciado o negócio, loja, armazém, seja o que for, o comerciante é puxado para o redemoinho do pagamento de juros por um monte de revendedores que lhe trazem mercadorias, o que o faz acabar comprando o que precisa e o que não precisa, com prazos que atualmente são de 30 dias.

Para vendê-las, tem de inventar e oferece as suas mercadorias em 1 + 2, ou seja, prazos de 60 e 90 dias com cheques.

No dia dos vencimentos, para pagamento das mercadorias que comprou, tem em suas mãos um monte de cheques, mas não tem dinheiro.

Nesta situação há dois caminhos: o gerente do banco e o agiota.

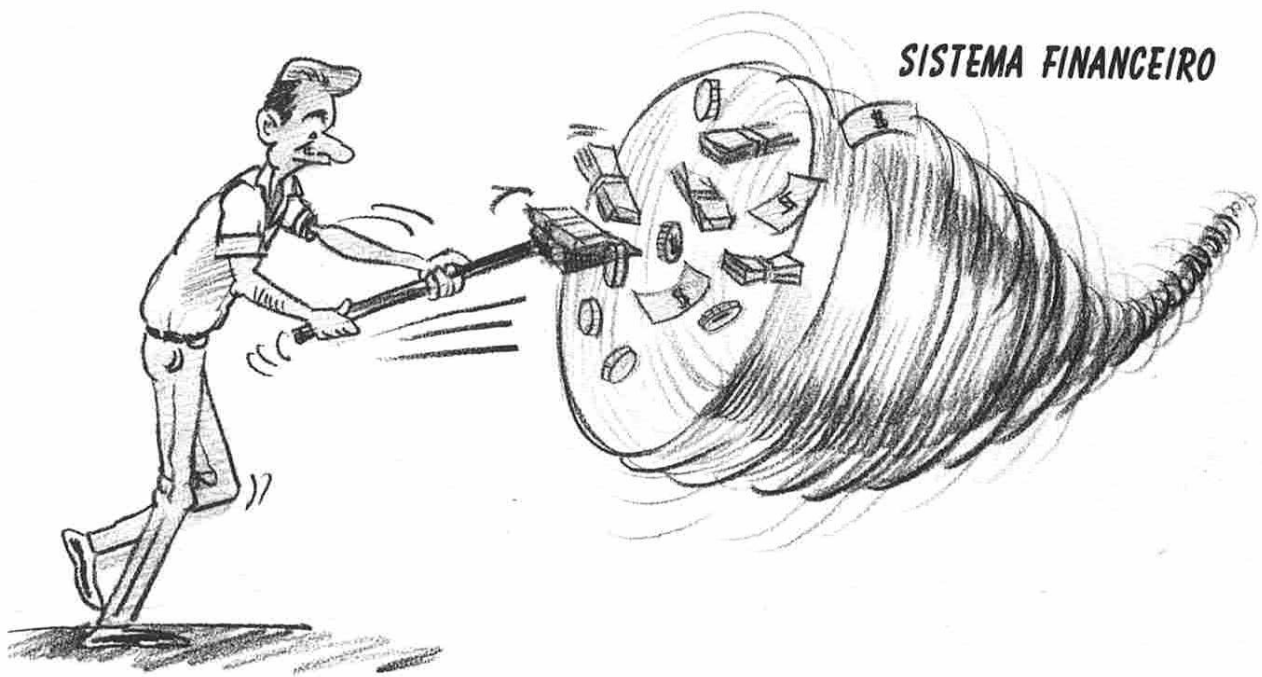
Os gerentes bancários têm autonomia para emprestar dinheiro, mas sabem que, pelas regras atuais do sistema financeiro, caso não haja o pagamento, será ele próprio o pagador. Então, faz com que o comerciante se submeta ao esquema do cheque especial.

Se há um limite de dez mil, o comerciante é obrigado pelos seus compromissos a usar vinte mil e aí vêm os juros, as multas, as taxas, os juros sobre juros e o bloqueio de sua conta, porque o banco percebe que vai haver problemas.

Passará, agora, a recorrer aos agiotas.

Levará o seu bolo de cheques para desconto com deságios de 6% ao mês (no mínimo).

A esta altura, com pouco para pagar as contas e já no mercado negro, acumula débitos dos impostos, pois ao comprar qualquer mercadoria o imposto é imediato. Além disso, compra pior, porque paga no cartório para ganhar tempo e os vendedores, percebendo isto, vendem mais caro, como precaução para o futuro.

Esta é a situação!

Pagando juros:

- trabalhará para os cartões de crédito;
- trabalhará para os bancos;
- trabalhará para os agiotas;
- trabalhará para os impostos que vão pagar os juros da dívida;
- em última análise, trabalhará para o sistema financeiro internacional, que inclusive já controla grande parte dos bancos comerciais no Brasil.

Nessa situação, os senhores donos do dinheiro no mundo acham isso muito melhor do que ter escravos. Afinal de contas, escravo exigia que houvesse um lugar para dormir, comida e roupa.

Os atuais servos da moeda trabalham dia e noite, têm de se prover a si próprios de roupa e comida e estão por aí sempre disponíveis, pagando, pagando e pagando juros.

Servos da Moeda.

Até quando?

Passaremos o século XXI nesta injuriosa situação?

O império da moeda sem lastro, papel pintado que domina o mundo, domina também as mentes.

O caso do Sr. Afrânio pode ilustrar bem tal situação.

Com os negócios relativamente bem equilibrados, ele resolveu montar um loja numa cidade próxima. Fui vê-la toda arrumada, com as prateleiras cheias de mercadorias e perguntei:

- Aqui nesta loja, com este estoque todo pago, quanto precisaria?

- Cento e vinte mil.

- Diga-me uma coisa. Se tivesse os 120.000 em dinheiro aqui em cima da mesa, você empregaria nesta loja?

- Não. Com este dinheiro na mão eu iria emprestar para os outros, colocar a juros.

É isto:

O DINHEIRO DEIXOU DE REPRESENTAR A RIQUEZA PARA SER A PRÓPRIA RIQUEZA.

ESPERA AÍ! O DINHEIRO PASSAR A SER A PRÓPRIA RIQUEZA MUDA TUDO!

Se alguém consegue um esquema que lhe dá um dinheiro razoável, ignorará qualquer interferência que impeça ou diminua o seu enriquecimento.

Desaparecem todos os valores, permanecendo apenas a visão de que aquele é o seu caminho de obter dinheiro (riqueza).

Isto traz o foco das atividades humanas para um caráter individual competitivo em que são omitidas todas as circunstâncias do conjunto da comunidade.

Assim um comerciante vende, por exemplo, um chocolate dos Estados Unidos ou do Canadá, países que não produzem

cacau, numa concorrência que destrói a produção interna, e numa importação absolutamente desnecessária.

Ao comerciante só interessa que conseguiu alguma vantagem e via ganhar dinheiro. Ignora que está causando desemprego entre os brasileiros.

Se há uma empresa que produz para as populações por não admitir a diminuição de seus lucros, continua fabricando e procurando esconder da população os aspectos nefastos do seu produto.

Podem acabar com as sementes naturais, destruir a natureza, desperdiçar energia, pois haverá sempre a visão individual de ganhar dinheiro.

Alienará a sua indústria, venderá a sua fazenda, subordinar-se-á às condições de exploração porque a sua riqueza é o dinheiro não a produção, o viver em conjunto com sua comunidade, o crescimento como ser humano.

A atividade mais importante passa a ser a especulação, o jogo, o empréstimo a juros altos passando longe da produção.

A conta bancária, o cartão de crédito delinearão as características das pessoas, não mais as suas virtudes como pessoa humana.

O ter crédito, pagar contas, torna-se o maior valor ético das pessoas. Pode ser o que for, pode ter feito as maiores barbaridades, mas com o "seu dinheiro" será sempre considerado um bom homem, uma pessoa do bem.

Com a ética do dinheiro ser a própria riqueza, não há escrúpulos de uma empresa farmacêutica parar de fabricar medicamento capaz de curar uma doença rara. Como vai ser pouco usado, não dá lucro.

Impõem as garrafas de plástico porque permitem maior lucro, despreocupados pelo fato de que tais embalagens vagarão durante 100 anos nas águas, rios e mares.

Se o dinheiro é a própria riqueza, os bancos jamais emprestarão os recursos que acumulam de seus clientes para um projeto humanístico ou para um idealista, pois só o fazem cercados de todas as "garantias" e de preferência para as grandes empresas já conhecidas.

Empresas do ramo de alimentação, corporações agigantadas tornadas impessoais pela distância dos centros de decisão direcionadas apenas pela busca da riqueza (dinheiro) impõem dietas inteiramente distorcidas, com frituras e sanduíches que têm composição para maximizar os lucros e não para alimentar as pessoas. Para incentivar o consumo, criam embalagens atraentes, incorporam aditivos de sabores artificiais, além de corantes.

Imobiliárias direcionam os urbanismos e as construções condicionadas, não pelo conforto, ou por melhores ambientes para as famílias viver, mas na redução dos custos e na preocupacão do obter a maior quantidade de dinheiro possível.

Para este Século XXI temos de decidir: existimos apenas para ganhar dinheiro, considerado como a própria riqueza ou conseguiremos transformar as estruturas econômicas em instrumentos para transformar nossas comunidades no lugar bom de se viver?

Teremos como ética única o obter dinheiro, o individualismo, a competitividade extrema em que o homem de bem e de sucesso é o que está com os bolsos cheios de dinheiro ou aprenderemos a viver em cooperação, em simbiose, numa visão de conjunto e não permitindo o estrangulamento das atividades humanísticas e a exaltação do invididualismo competitivo que conduz à manutenção dos privilégios de poucos?

FUNCIONÁRIO PÚBLICO. Duas vezes servo da moeda
O exemplo é baseado na Declaração de Imposto de Renda de uma professora do serviço público (em reais).

Renda		Imposto pago	
Renda 1995:	34.366,57	Imposto pago:	5.009,34
Renda 1996:	45.580,27	Imposto pago:	5.615,06
Renda 1997:	45.336,34	Imposto pago:	5.554,08
Renda 1998:	43.326,48	Imposto pago:	5.394,78
Renda 1999:	43.326,48	Imposto pago:	5.394,78
Renda 2000:	43.326,48	Imposto pago:	5.394,78

A declaração utiliza o sistema de desconto simplificado, sem usar os abatimentos, autorizados pela Secretaria da Receita Federal.

Observe: a professora não teve nenhuma melhoria na sua renda, mas está evidente aos olhos de todos que não houve estabilidade nos preços dos artigos do seu consumo.

Resultado: livro vira supérfluo, aperfeiçoamento de conhecimentos fica secundário. Há que sobreviver. Se houver uma mínima desarticulação na sua vida, com necessidade de algum dinheiro, ela recorrerá ao sistema de empréstimo ao servidor e vai permanecer, como a maioria, emendando um empréstimo atrás do outro e sempre pagando juros mensalmente.

Provavelmente passará a utilizar, no mínimo, 20% do seu salário, somente para pagar juros.

Serva da Moeda. Servidora desvalorizada.

Além do mais, nesta altura dos acontecimentos, não há como negar que há um processo de transformação de toda a sociedade em pagadores de juros. Mas aqui, neste caso, há um aspecto muito sério que tem de ser observado. O funcionário público desvalorizado, transformado em mendigo, fica vulnerável a todo tipo de pressão.

SE O FUNCIONÁRIO PÚBLICO ESTÁ ENFRAQUECIDO, QUEM DEFENDERÁ O ESTADO?

E por que os governos estão com dificuldade para dar reajustes salariais a seus funcionários?

Exatamente porque os seus orçamentos estão cada vez mais comprometidos com o pagamento do serviço (juros) da dívida.

O mecanismo é o seguinte:

a) o governante, como político, dependendo dos votos deseja agradar aos seus eleitores;

b) realiza obras - nada chama mais atenção que construções - terraplenagens, estradas, ruas, pavimentação, viadutos;

c) como o governo federal restringiu a emissão de moeda e está muito comprometido para pagar o serviço da dívida, não há dinheiro para investimentos, nem mesmo para repor o que se desgastou pelo tempo e uso;

d) a solução é o empréstimo externo - financiamento no BIRD. Financiamento em dólares para obras que não exigem moeda estrangeira;

e) o político ficou feliz, vê os olhos dos seus eleitores crescerem com o seu dinamismo em fazer obras. É um fazedor de obras. Administrador público admirado;

f) as dívidas são omitidas para o público. Mil desculpas são dadas quando há muita pressão por aumentos salariais dos funcionários: "temos de "enxugar a máquina"; "tem de ser diminuído o gasto do governo com pessoal" (responsabilidade fiscal);

g) ninguém diz que foi feito um empréstimo no exterior absolutamente desnecessário. Estão só, cada vez mais, pagando juros. É a tal história: emitir moeda para investir na nossa melhoria de vida é um processo inflacionário, mas fazer dólares à vontade não é?

h) mesmo quando há financiamentos para equipamentos (hospitalares, por exemplo), há o condicionamento para importação, o que, em última análise, prejudica o produtor brasileiro, nos empobrece e cria desemprego;

i) entramos então no grande objetivo das oligarquias dos países dominantes, que é nos tornar:

- endividados;
- pagadores de gigantescas quantias de juros;
- população submetida, que transfere tudo que produz para o exterior.

Cada vez mais, os "ricos" do país estão entre os prestadores de serviços, comerciantes e revendedores dos produtos estrangeiros e não entre industriais e produtores agrícolas, reais impulsionadores da riqueza nacional.

Transformamo-nos em "extratores", retiramos nossas riquezas para transferi-las para o exterior.

PROFISSIONAIS LIBERAIS - Também servos da moeda

As oligarquias dos países que dominam o mundo têm dentre as estratégias para manter os países periféricos dominados, a reboque de seus interesses, a mercantilização de todas as atividades humanas (até as religiosas). Paralelamente, há uma

despersonalização dos relacionamentos humanos com as máquinas tendo papel crescente, pois com as tecnologias monopolizadas os lucros são crescentes e a exploração cada vez maior.

Um setor que demonstra tais fatos é sem dúvida o da medicina. Nestes últimos anos é crescente a influência da tecnologia na atividade médica e cada vez mais será rara a consulta com exame físico, história, apalpação do paciente para o diagnóstico clínico.

Sempre há uma lista interminável de exames, cada vez mais sofisticados, exigindo equipamentos e insumos caros e sempre produzidos nos países dominantes.

O Dr. José Lucas é um exemplo, pela sua vida, da transformação da atividade médica.

Com ótima formação profissional e pós-graduação com especialização em radiologia, deslocou-se para uma cidade média no interior do país.

Montou um serviço de radiologia, aproveitando linhas de crédito oferecidas para o financiamento dos aparelhos.

Em sua mente apenas o desejo de tornar-se um profissional liberal dono do seu próprio serviço médico-radiológico, onde poderia de maneira "livre" aperfeiçoar os seus conhecimentos e prestar serviços à população com os seus diagnósticos.

É evidente que os muitos anos de preparo, extensos estudos, as leituras, as discussões diagnósticas com os mais experientes, toda esta sedimentação de conhecimentos merecia um retorno, uma vida tranqüila e uma quantidade de "dinheiro" que traduzisse o esforço investido.

Acontece que a mercantilização das atividades humanas transferiu os ganhos da sua atividade para o setor financeiro.

Próximo de acabar o financiamento, surgiram aparelhos mais aperfeiçoados e, colocado na roda viva da vida e frente à necessidade de não ficar para trás, manter-se atualizado com a tecnologia e na "vanguarda" dos especialistas radiológicos, tratou logo de comprar novos equipamentos, com uma dívida ainda maior em empréstimos, com juros abusivos.

Dr. José Lucas trabalha de manhã, à tarde e à noite, numa rotina interminável de fazer exames e dar laudos diagnósticos

de radiografias. Lembrem-se que, em tudo isso, há uma imensa responsabilidade, pois basta um erro para que toda a sua vida profissional possa ser destruída.

Já é um servo da moeda.

Trabalha antes de mais nada para pagar financiamentos e juros.

E vêm máquinas novas, aparelhos de ecografias, tomógrafos, aparelhos de tomografias computadorizados, ressonância magnética...

Resultado: uma sequência interminável de anos trabalhando, trabalhando para pagar juros e financiamentos. Com isto a atividade produtiva recolhe poucos frutos do trabalho e enorme parcela dos resultados vai transferida para o sistema financeiro.

Servos da moeda é o que somos.

Até quando?

A SERVIDÃO NO COMÉRCIO MUNDIAL

Texto impresso em 1821, atribuído a José Vieira Couto. Ao que consta, deve ter sido escrito em 1799.

> *"Digo mais que, ainda no tempo dos contratadores (pessoas de confiança da corte portuguesa que assinavam contrato de exploração das terras diamantinas), quando as remessas montavão de cinco a dez mil oitavas (anualmente), nem assim estes deixavão em Portugal a utilidade que devião deixar."*
>
> *"Elles ião sustentar e enriquecer centenares de oficiais estrangeiros, como lapidadores, ourives, cravadores e outros muitos..."*
>
> *"Que imenso cabedal não metia no paiz estrangeiro a exploração destes diamantes: porém os portugueses, com seu estúpido sistema, entregação quase toda a utilidade, que lhes podia resultar da mão-de-obra, a inglezes e hollandezes."*
>
> *"Contarei um caso que presenciei. Um inglez comprou um diamante por 24$000, que depois de lapidado na Inglaterra, foi vendido por 300$000. Este diamante deixou em Portugal ou no Brasil 24$000 e na Inglaterra 276$000. Assim como vai em pequeno ponto, assim vai em grande"...*

Era astronômico, já naquela época, o lucro obtido na Europa - pela Inglaterra - com os diamantes brasileiros.

No exemplo acima ficaram no Brasil 24.000 libras.

Puro engano! Vamos fazer uma análise!

Não ficou nada no Brasil!

O que foi pago pelo diamante, logo de imediato foi devolvido para a Inglaterra, pela compra de tecidos das suas manufaturas, pela aquisição de ferramentas para uso no garimpo, pois, apesar de haver ferro à flor da terra, não havia fundições e fabricação de utensílios de ferro no Brasil.

Os conhecimentos, o saber-fazer (tecnologia) já naquela época eram resguardados. Os povos que dominavam algum conhecimento guardavam-no para si, mantendo os povos periféricos cativos e dependentes de seus produtos manufaturados.

Ainda no caso descrito, comprados os tecidos, adquiridas as ferramentas, os recursos restantes e até um reforço próprio eram usados para comprar mais escravos para o trabalho nas lavras.

Portanto, não ficava nada!

Os diamantes iam para fora e o produto das vendas retornava ao exterior, num processo que perdura até hoje e que permite aos países hegemônicos continuarem a exploração dos países ditos periféricos.

A prova de que tudo é "sugado" está nas várias cidades-fantasma: mortas após a exaustão do ouro ou dos diamantes da região. Traíras, em Goiás, na época do ouro chegou a possuir seiscentas casas e vinte mil escravos, segundo relatos históricos, mas hoje está reduzida a meia dúzias de casas em ruínas.

Todo o processo de descoberta, colonização e ocupação dos países da periferia - África, América, Oriente - foi expansionista, dominador e intensamente explorador.

Para isso até a religião da época apoiou ao declarar que índio e africano não tinham alma - poder-se-ia fazer o que bem entendesse com eles, da escravidão aos maus-tratos, sem nenhuma preocupação ética ou de consciência.

Os povos dominadores firmaram uma supremacia, pois os povos periféricos eram desconhecedores da pólvora e, em geral, da metalurgia e do ferro, e tinham apenas armas de madeira para se defender.

Dominando conhecimento e tecnologia, os países europeus puderam

estabelecer os seus domínios, impondo uma estrutura de exploração que perdura até hoje.

Missangas por pepitas de ouro. Tecidos coloridos por escravos. Quase-nada por minérios importantes.

Um processo vil que condena os países que têm riquezas naturais a uma situação de pobreza absolutamente injusta.

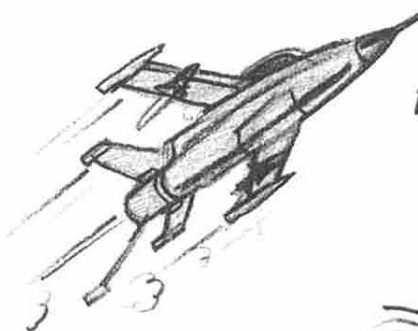
Como é possível Serra Leoa, na África, ser um dos países mais pobres do mundo se tem minas de diamantes?

Em todos os lugares, os que tentam reagir e trazer para o seu povo os recursos das explorações das riquezas naturais é considerado rebelde. Sofre toda pressão policial, militar, política e até internacional para impedir qualquer mudança na cruel estrutura de exploração.

Vimos um exemplo de duzentos anos atrás. Vamos, agora, ver alguns do momento atual.

Quartzo. O cristal de rocha é abundante em todo o mundo. Mas não é o caso do quartzo com alto teor de silício, mineral fundamental para a fabricação dos microprocessadores de todos os aparelhos eletrônicos, do relógio ao computador. Nestas condições, ele é raro. No entanto, o cristal de quartzo, com alto teor de silício existente no Brasil, é vendido entre R$ 0,35 e R$ 0,45 o quilo.

Para importar um único computador de uso pessoal, temos de exportar mais de 2.500 quilos do quartzo da melhor qualidade.

É justo?

Há eqüidade nessa situação?

Temos as riquezas naturais fundamentais fornecidas a preço vil e recebemos manufaturados supercaros.

Há uma desproporcionalidade gigantesca.

Pense apenas nos computadores que você vê ao seu redor, na casa dos amigos, nas lojas, nos bancos, em todo lugar.

Cada um deles levou mais de dois mil e quinhentos quilos do nosso quartzo para estar ali naquele local...

E tudo é feito para impedir que se desenvolva aqui o conhecimento e a tecnologia para fazê-los no Brasil. Saem às nossas riquezas naturais e ficamos, cada vez mais, apenas usando o que é feito lá fora.

Minério só dá uma safra! Saiu fica apenas o buraco. Sair desta maneira deixa buraco e miséria! Veja os exemplos da época colonial!

Apenas para ilustrar, se fôssemos pagar cada computador com minério de ferro que exportamos, mandaríamos 250 toneladas para se ter apenas um computador!

É justo?

Vejamos um produto agrícola: café.

A cotação do preço de uma saca de café para exportação varia muito. Mas há uma nítida desproporção entre o que circula no setor de produção e o que é possível obter na venda final do produto no exterior.

Uma saca de sessenta quilos de café da melhor qualidade, especial para o "café expresso" do público final, é vendida a 187 dólares.

No processo de torrefação, com o calor, a saca fica reduzida a 48 quilos.

Nos Estados Unidos, vendido sob a forma de cafezinho, aquela saca inicial rende U$ 11.726.

Resultado: quem trabalha na cafeteria americana consegue ganhar bem. Quem faz a limpeza do estabelecimento recebe bom salário. O dono da cafeteria ganha muito dinheiro.

Mas... O brasileiro que usa o seu suor e trabalho na colheita do café recebe apenas R$ 2,00 por dia. Vive na miséria, com dificuldade para sobreviver.

E ainda vêm para cá e todos os países periféricos balas de café e outros produtos industrializados com café, para levar de volta ao exterior o pouco dinheiro que ficaria aqui pela venda do café em grão.

É justo?

Não há nenhuma eqüidade neste processo mundial de comércio. Estão sugando todas as energias e riquezas dos países periféricos. O mundo deveria ser um lugar bom para todos viverem.

Isso não seria um princípio humanístico?

Cada vez mais, as transações comerciais são realizadas com desconhecidos, à distância, com ordens de computadores e não por vizinhos. Isso afasta ainda mais o caráter humano das atividades e facilita, cada vez mais, a atuação das grandes corporações explorando com intensidade crescente os países periféricos.

Os países dominantes, por intermédio das suas empresas transnacionais, atualmente utilizam todos os seus recursos de persuasão, pressão militar, infiltração nos setores legislativos e governamentais dos países periféricos, para criar todas as condições para submetê-los a uma servidão absoluta, procurando obter as matérias-primas que necessitam a um custo próximo do zero e mantendo cativos os mercados para colocação dos seus produtos industrializados.

No Brasil, dos inúmeros exemplos, há o caso do alumínio, utilizado na fabricação de um grande número de objetos e utensílios usados pela população.

Há grandes jazidas de bauxita na região de Carajás. Para a transformação e purificação do minério bauxita em alumínio, utilizado nas indústrias, há necessidade de uma grande quantidade de energia que não estava disponível na região.

O que aconteceu?

1. Empresas transnacionais se associaram à Companhia Vale do Rio Doce, então uma estatal brasileira, possuidora das reservas de minério.

2. Foi criado um grande financiamento exterior para a construção da usina hidrelétrica de Tucuruí. Ficamos com a dívida da construção.

3. Construíram-se as instalações para a produção de minério e uma estrada de ferro para o escoamento dos produtos, permitindo a sua exportação pela Vale do Rio Doce.

4. A energia de Tucuruí é fornecida a preços subsidiados, abaixo do custo, para beneficiar e permitir a saída do alumínio num preço baratíssimo para o exterior.

5. No Brasil, foi estimulado de todos os modos o uso de embalagens de alumínio, principalmente para refrigerantes (abandonando as garrafas que são uma estrutura nacional), permitindo uma remessa de dólares referentes ao uso das patentes de todos os utensílios.

6. Com a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, passou para mãos estrangeiras a parcela nacional no empreendimento.

Resultado: um grande prejuízo para o Brasil. Uma servidão às empresas transnacionais que conseguem minério a custo quase zero, beneficiam-se com subsídios e ganha muito no retorno dos manufaturados.

É evidente que os que permitiram tal estado de coisas não são burros e se beneficiaram nas negociações.

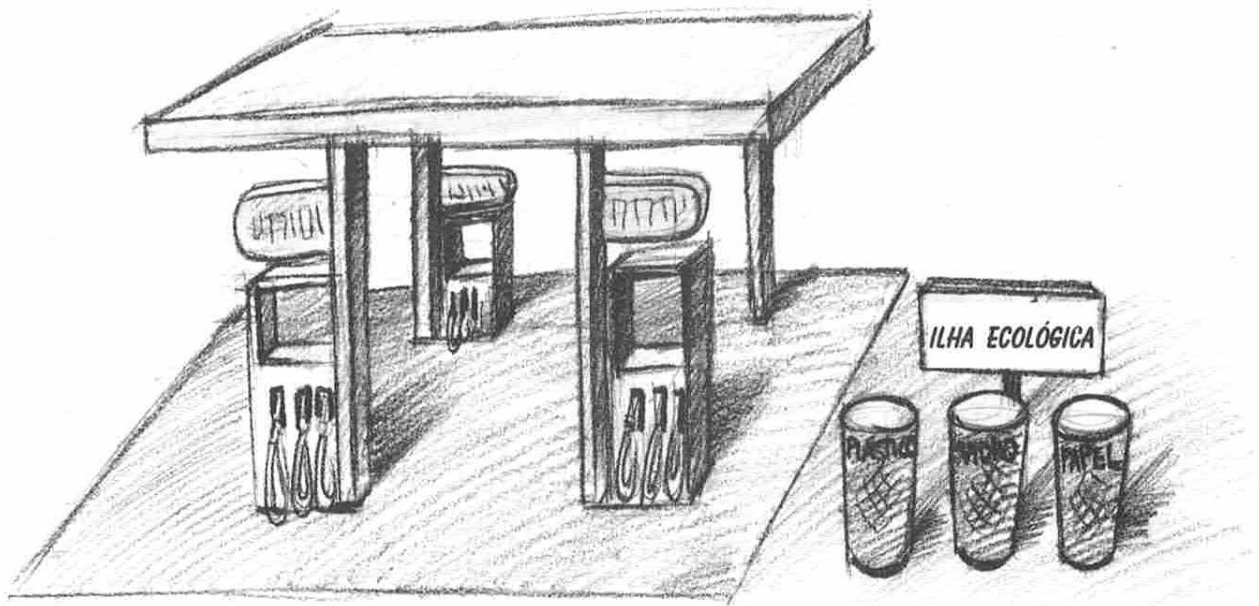
Na prática e como resultado final, o país, o Brasil, não ganhou NADA, absolutamente NADA com isso.

Nosso povo foi condenado à servidão!

E COMO NAÇÃO ESTAMOS FICANDO PRÓXIMOS DO NADA.

Há de lembrar que na luta do poder mundial não existe piedade, nem os heróis artificiais bonzinhos dos filmes americanos. O sistema financeiro apenas vê o lucro e não tem qualquer escrúpulo em espoliar a maior parte da humanidade.

Os banqueiros internacionais, do alto de seu poderio, já deliberaram: só interessa o lucro. Ação social não é com eles, a não ser tímidas medidas para efeito de propaganda. As corporações existem para buscar a maximização de seu próprio lucro, não a aspiração coletiva da sociedade. Elas procuram fazer que as nações sejam transformadas em puro espaço para

exploração econômica. E são destituídas de qualquer humanidade.

A figura indica uma grande empresa produtora de agrotóxicos que já causou problemas a milhares de pessoas, e contaminou até mananciais de água. Ilustra falsas iniciativas em defesa do meio ambiente como maneira de esconder o seu lado sujo e criar imagem mais simpática para a população.

A servidão no comércio mundial acontece, como demos exemplos nas relações comerciais, com a brutal desvalorização dos produtos naturais e crescente preço nos manufaturados que vêm dos países dominantes. É bom lembrar que tudo que usamos no nosso dia-a-dia tem origem ou vegetal ou mineral. É a ignorância da utilização das riquezas naturais que permite a exploração.

Mas, fora dessa malandragem na aquisição dos produtos naturais, há um mecanismo que estratifica a servidão dos países periféricos, beneficiando os dominantes. Trata-se dos "investimentos diretos estrangeiros".

Com o domínio dos meios de comunicação, há uma expectativa falsa de que é bom o investimento externo, que vai criar empregos e, com o envolvimento dos dirigentes políticos, junto com os empresários estrangeiros, vê-se como uma grande realização a instalação de fábricas estrangeiras no país.

Na prática, o que acontece?

No lado brasileiro, o município, na ilusão de gerar empregos, cria todas as facilidades:

- doa o terreno;
- faz os serviços de terraplenagem;
- constrói as vias de acesso;
- instala as redes elétricas;
- dá isenção de impostos municipais;
- dá isenção de impostos federais;
- oferece financiamentos dos bancos de desenvolvimento do estado;
- permite financiamentos com juros subsidiados e carências dadas pelo próprio Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico;
- pode até financiar as máquinas que vêm importadas (vai dinheiro do Brasil lá para fora, para pagá-las). E elas entram aqui com o seu valor muitas vezes superfaturado, como capital investido.

Tudo isso representa uso do nosso próprio dinheiro para beneficiar a empresa que diz estar fazendo um investimento.

NÃO INVESTEM NADA! TEM APENAS FACILIDADES!

Chega-se ao ponto de haver um empréstimo externo para aquisição do maquinário (que em muitas vezes já está obsoleto na matriz). Fica o Brasil com uma dívida, pois, no mínimo, teremos de vender matérias-primas por preços irrisórios para

ter os dólares necessários para mandar para o exterior em pagamento da dívida. Pelo lado da empresa que vem fazer o "dito" Investimento Direto o que acontece?

Primeiro, apropria-se da poupança brasileira, por meio dos órgãos de financiamento nacionais, para o seu próprio benefício de obter muitos lucros que serão carreados para fora.

Segundo, obriga-nos a inúmeras remessas de dólares para a sua matriz no exterior, em função de:

- direitos de propriedade de patentes;
- direitos de uso da marca;
- autorizações para uso de tecnologia;
- importação de peças;
- treinamento de funcionários no exterior;
- pagamento de instrutores estrangeiros que vêm ministrar cursos;
- supervisões e auditorias.

Tudo isso sem contar que pode haver superfaturamento no que vem para o Brasil e subfaturamento no que exportamos para a matriz.

É estranho que muitas destas empresas que dizem fazer investimento no Brasil passem anos com déficit contábil em seus balanços, impunemente, e livres de pagar imposto de renda.

Chega-se ao ponto de, por exemplo, todo o material de propaganda vir de fora, beneficiando a matriz e fechando mercados de trabalho no Brasil.

Quer dizer: vêm para cá, não trazem, não repassam a tecnologia (os centros de pesquisa ficam fora). Têm todas as isenções de impostos, remetem grandes lucros de maneira disfarçada ou direta e, com o mercado brasileiro ao seu dispor, matam toda e qualquer iniciativa nacional de industrialização própria.

É a servidão internacional. É justo?

Continuará a economia sendo uma ciência canhestra, feita às avessas, destinada apenas a endossar os benefícios para uma pequena fração da humanidade, consolidando os seus privilégios?

Quando teremos os economistas estudando a melhor forma de fazer digna a vida dos brasileiros e de todos os seres humanos?

POPULAÇÃO X EXPLORAÇÃO

Isso não é comigo!

Esta a reação da maioria das pessoas ante as situações descritas.

No processo de nos transformar, todos, em servos da moeda, escravos sorridentes aos interesses dos poucos que dominam o sistema financeiro mundial, as informações têm um sentido único, dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento e, no plano nacional, do centro do poder para baixo.

O que se observa?

Há um processo de desqualificação dos povos periféricos.

Todas as notícias na televisão são destruidoras da nossa auto-estima.

"Apreendida uma tonelada de maconha."

"Rebelião no presídio."

"Assalto no Rio."

"Chacina em São Paulo."

"Corrupto em todo lugar."

O que fica na memória de uma criança ainda com a personalidade em formação? Somos um povo formado por canalhas, ladrões, incompetentes.

Nenhum trabalho bom é exaltado. Com milhões de pessoas morando na cidade, trabalhando, acordando cedo, lutando por salários míseros, mas com dignidade e amor à família e aos filhos, só há destaque para o marginal, o que tem câncer na alma.

Atribue-se incompetência aos nossos empresários, mas não dizem que o estrangeiro tem capital (dinheiro) para investir com juros de 3% ao ano e nós temos de arcar com juros de mais de 10% ao mês. É quase impossível tocar uma empresa com juros tão altos.

Destacam-se chacinas e matanças nas nossas cidades e mal noticiam o crime terrível de usarem bombas de urânio radioativo, sabidamente capaz de produzir câncer, em cima de povos que tentam não se submeter às imposições das nações dominantes.

Os povos hegemônicos seguram a tecnologia, não a repassam para os outros e depois proíbem nações inteiras de comprar até medicamentos e alimentos para o seu povo, mesmo quando eles têm riquezas naturais para pagá-los. É como se o leitor estivesse em casa e precisasse comprar um remédio ou uma comida, mas está proibido de fazê-lo. A farmácia e o mercado não podem lhe vender, proibidas pelo mandão da cidade.

Será possível que permaneceremos no século XXI submetidos a tal barbárie?

Num país como o Brasil, com uma grande população, é realizado todo o esforço para que prevaleça apenas a figura do consumidor. Abrem-se todas as fronteiras e passamos a ter os nossos mercados e armazéns inundados por um monte de porcarias, tudo importado. Os jovens não são estimulados a ser cidadãos brasileiros com conhecimento, capacidade e condições de vida, mas a sonhar com o exterior, consumindo aqui balas, doces, chocolates, alimentos duvidosos, aparelhos, tudo importado, tirando emprego dos próprios brasileiros.

Enchem as escolas de computadores, quando ainda não temos professores bem pagos e com acesso aos livros e ao conhecimento.

Prevalece o consumidor sobre o cidadão.

E os costumes? Há uma clara tentativa de transferir os hábitos e os costumes dos dominantes para os dominados. Os alimentos inteiramente fora dos antigos hábitos brasileiros, trocados pelos *hamburgues* feitos não se sabe como; a manteiga substituída por margarinas cheias de aditivos; refrigerantes com aditivos e corantes no lugar dos sucos de frutas muito mais saudáveis; o sertanejo substituído pelo *country*; a música de péssima qualidade americana dia e noite transmitida nas nossas rádios, fazendo nos esquecer as maravilhas da nossa música. Tudo é feito para beneficiar e aumentar os lucros das indústrias e corporações estrangeiras.

O absurdo é que vamos aceitando tudo isso, passivamente!

Temos de reagir!

O que fazem os meios de comunicação dominados por seus grandes anunciantes, as transnacionais?

Duas coisas.

Substituem o sonho natural de todo jovem da construção de uma vida equilibrada, da sua comunidade se transformar num lugar bom de se viver, por imagens do fantástico. Exaltam um único jogador ou a modelo ganhando fortunas, induzindo os jovens aos devaneios que nunca serão reais. Eles perdem o futuro imaginando ser um personagem fantástico e não crescem como um ser humano brasileiro.

Transformam a opinião pública média em padrão de cultura. Massificam a imbecibilidade e depois dizem que isto é o que a população solicita. Nenhum literato, professor, cientista, líder comunitário de valor é exaltado para não se criar modelos e valores que construirão uma comunidade e uma nacionalidade forte.

Mercantilizam todos os segmentos da atividade humana subordinando-as aos interesses lucrativos das grandes corporações. Somente os economistas renomados e doutorados nas *university* são ouvidos. Os médicos, cada vez mais, submetem-se a protocolos, rotinas que automatizam e estimulam os pedidos de exames (interesse dos laboratórios e indústrias) e de medicamentos cada vez mais caros, com patentes e tecnologias na mão das grandes corporações.

Aos professores chegam, cada vez mais, livros traduzidos, impressos no exterior, por editoras que não são mais nacionais. Os autores locais, defensores da nossa cultura, são inteiramente desprezados.

As escolas, cada vez mais, divulgam que têm computadores e cursos de línguas e, não, bons professores e um projeto educacional.

É a segmentação de tudo, a mercantilização de toda atividade humana.

Até a agricultura foi mercantilizada. Só se planta com empréstimos e tudo para se atender aos interesses de corporações

transnacionais. Não existem mais as sementes naturais e, o que é pior, grande parte das sementes plantadas, milho por exemplo, é fornecida por uma só empresa estrangeira.

Isto é um perigo!

Uma grande fome pode se instalar se por alguma razão deixarem de fornecer as sementes. Até o Banco do Brasil foi obrigado a destinar 20% do valor dos empréstimos agrícolas para aquisição de agrotóxicos. Isto é estimular o uso de venenos. Como você pode ser obrigado a comprar venenos para a sua lavoura?

A diversidade vegetal formidável que temos no Brasil está sendo desprezada e concentra-se a alimentação nos poucos grãos e frutas que as transnacionais têm o controle das sementes, da tecnologia genética, da distribuição, do financiamento e até dos esquemas de exportação que atendem interesses externos.

O cará, a batata-doce, a fruta-pão, o aipim, as tapiocas saem dos nossos hábitos para ceder lugar ao trigo importado.

O feijão com arroz é subjugado pelos sanduíches de qualidade alimentícia duvidosa.

"Se o hábito alimentar do mundo está reduzido pelos interesses comerciais das transnacionais de sementes, e se elas dominam apenas um meia dúzia de cultivares, temos condições de colocar no mercado frutas (mais de uma centena), legumes (mais de duas dezenas), hortaliças (mais de duzentas), todas oriundas do nosso patrimônio natural e etnobiologia e da nossa visão civilizatória do mundo". - Sebastião Pinheiro. ***Agricultura Ecológica***.

Dois textos para a sua reflexão:

Os cientistas desenvolveram as armas químicas, que se transformaram em "defensivos agrícolas"; por isso, a metade dos PhDs do mundo estão a serviço da sociedade industrial, trabalhando no desenvolvimento de armas. Se houver algum problema, por exemplo, se um veneno estiver atingindo o aplicador, um outro cientista vai desenvolver uma máscara, botas e macacões impermeabilizantes; e se

fizer mal à saúde, outro cientista desenvolverá um remédio pra ele tomar, um anestésico, provavelmente; e se contaminar as águas, outro cientista desenvolverá um dispersante para ser jogado na terra; outro criará um dispersante para a água; e outro desenvolverá um imenso ***software*** *para avaliar as extensões dos danos causados pelo "uso indevido de defensivos agrícolas".*

Se alguém tem alguns hectares de terra, cria algumas galinhas, uns porcos, tem uma vaquinha de leite e para mantê-los planta milho, trigo, aveia, feijão, arroz, tem uma horta e pomar, além de produzir algum mel e peixes etc, o que ele pode ter é uma mesa farta, por conseguinte, saúde, uma vida idílica, de alta qualidade, mas nada disso promove o crescimento e desenvolvimento da sociedade industrial globalizada. Ao contrário, isto prejudica a produção, comércio e indústria de ovos, frango-de-corte, suinos, leite, manteiga, queijo, bovinos etc. (Sadia, Perdigão, Swift-Armour etc.), por uma concorrência "desleal". Ao prejudicar a indústria de alimentos, prejudica a indústria de rações, medicamentos veterinários, embalagens, de energia, de transportes, de crédito etc. De forma cética podemos afirmar que, também, a mesa farta é um entrave aos objetivos e metas da indústria farmacêutica, indústria de assistência hospitalar, indústria de assistência médica etc. Com o agravante que o agricultor não-industrial compete com seu produto (de poucas inversões-industriais), de forma muito vantajosa, pois usa os insumos não-industriais e natureza de sua própria propriedade e se apropria da "mais vália industrial indevidamente".

(Textos extraídos do livro de Sebastião Pinheiro, ***Agricultura Ecológica***, págs. 274 e 307).

Temos a realidade de que os fazendeiros, donos de terras, deixaram de ser proprietários da riqueza e escravizaram-se em um interminável esquema de financiamentos de safra, com um gasto cada vez maior com insumos, agrotóxicos e sementes.

O lucro da safra não é mais seu, foi transferido para os órgãos financeiros e as corporações transnacionais.

ISSO NÃO É COMIGO

NÃO RESISTIR É PRECISO. AS COISAS TEM SIDO FEITAS PARA QUE TODOS OS DOMINADOS E COLONIZADOS SE SINTAM IMPOTENTES, INCAPAZES DE MUDAR TAL ESTADO DE COISAS.

MAS VOCÊ PODE FAZER UMA MICROREVOLUÇÃO PESSOAL QUE LEVARÁ A UM MUNDO MAIS DIGNO E HUMANO NO SÉCULO XXI.

REAÇÃO: MICROREVOLUÇÃO PESSOAL

Resistir é preciso!

As coisas têm sido feitas para que todos os dominados e colonizados se sintam impotentes, incapazes de mudar tal estado de coisas!

Mas, você pode fazer uma microrevolução pessoal que levará o mundo para um século XXI digno e humano, nesta Nação do Sol que é o Brasil.

SOU BRASILEIRO!
COM MUITO ORGULHO!
SOMOS UMA EXTRAORDINÁRIA
RAÇA DO PLANETA!
RAÇA CÓSMICA.
MISTURA DE TODAS
SEM PREDOMÍNIO
DE NENHUMA!
NÃO SOMOS RAÇA PURA.
ALIÁS, RAÇA PURA
É PARA BICHO!

Por isso, pelo território, pelos minérios, pela quantidade de água potável, pela diversidade biológica, pela maravilhosa incidência do sol - fonte de toda energia -, somos destinados a ser nação líder humanística do século XXI.

Podemos realizar a maior revolução pessoal que nos transformará e criará uma consciência coletiva a inspirar a nossa soberania e uma nova filosofia de vida e de relações econômicas, comerciais e humanística no nosso país e no mundo.

Oh! Para a transformação, há, entretanto **DEZ COISAS QUE TODO BRASILEIRO DEVERIA SABER**.

Elas são a base dos conhecimentos que não são divulgados nos meios de comunicação.

A partir de agora o leitor terá uma nova maneira de olhar as coisas.

PRIMEIRA

Para um país se desenvolver e criar condições para o seu povo viver bem, há necessidade de:

- conhecimento (saber)
- tecnologia (saber fazer)
- recursos naturais (minérios, matéria-prima)
- energia
- água

SEGUNDA

Qual a situação do mundo?

Há os países hegemônicos, dominadores do mundo, que possuem e dificilmente repassam o conhecimento e a tecnologia.

Tudo que usamos vem da natureza.

Ninguém tem mais contato com a natureza que os indígenas das tribos brasileiras.

Os países hegemônicos sempre tiraram proveito dos conhecimentos que possuem para manter a dominação dos periféricos.

Pela nossa natureza e biodiversidade biológica, temos conhecimentos valiosíssimos para as mais diversas atividades humanas, talvez com destaque para a indústria farmacêutica (plantas).

Estes conhecimentos devem trazer benefícios, antes de mais nada, para o nosso país e as universidades brasileiras têm de ser o grande caldeirão de estudos e de idéias para conservar o que é nosso e criar a massa de conhecimentos que melhorará as nossas vidas.

Esses conseguiram acumular riquezas porque, além das tecnologias, garantiram, até pelo uso da força, a saída de seus produtos e a venda em mercados externos, muitas vezes por preços abusivos.

Eles estão em regiões frias e temperadas. Portanto, pobres em energia e recursos naturais. Para se tornar ricos, sempre trocaram os seus produtos manufaturados por produtos naturais dos países periféricos com os preços excessivamente desvalorizados.

TERCEIRO

O que mostra a realidade do mundo?

Há países que têm minérios e matérias-primas. Dizem que eles são ricos, têm riquezas naturais, mas os preços destas "riquezas" estão sempre muito baixos.

O preço das riquezas naturais está sempre muito baixo!

Resultado:por mais que trabalhem ou se esforcem estão sempre sem dinheiro.

Lembramos: Serra Leoa é um país da África, considerado dos mais pobres do mundo e tem mina de diamante.

QUARTO

Vamos ilustrar o que já foi dito?

A Inglaterra garantiu mercado para os seus tecidos, aqui no Brasil, com a proibição de D. Maria, a Louca, rainha de Portugal, da existência de teares na colônia brasileira.

E havia severas punições para os transgressores!

Deportação do proprietário para Angola, quando não apodrecia no fundo de uma enxovia (prisão antiga com entrada única no teto).

Sem o silício (já vimos) não há computadores. O mineral é retirado do minério quartzo.

O Brasil exporta o melhor quartzo do mundo a 35 centavos de dólar. Matéria-prima, mesmo fundamental, não é valorizada. Se fosse, os países periféricos assumiriam a riqueza que têm.

O minério de ferro essencial para fabricar aço, o Brasil exporta por preços decrescentes. A hematita (minério de ferro) chega a ser exportada a U$ 8 a tonelada! Os produtos agrícolas (café, soja, cacau) também têm os seus preços constantemente desvalorizados.

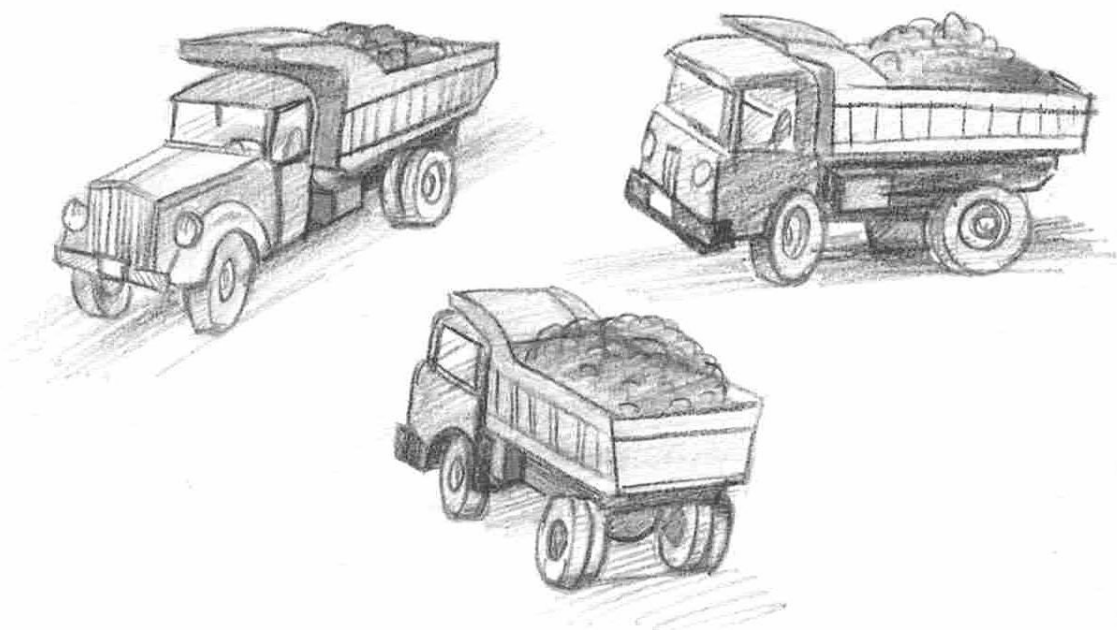
Tudo o que os países da periferia produz é depreciado.

Isso mantém a pobreza.

QUINTA

Comparações mostram o absurdo que representa vender matéria-prima por preço tão baixo.

Quando um brasileiro vai visitar os Estados Unidos e gasta U$ 4.500,00 temos de vender mais de 500 toneladas de minérios de ferro para se ter os dólares suficientes para a viagem.

Imagine! **CINQÜENTA CAMINHÕES** de minério de ferro da melhor qualidade para pagar uma só viagem!

É justo?

Pode o sistema econômico permanecer assim no novo século? Quem em sã consciência pode achar isto correto?

E uma divagação: quanto será que ganha o motorista sujo de poeira de minério? Sobrevive dignamente?

E o jovem que tem diante de si um computador de uso pessoal? Desses que são vendidos por aí com muitas vantagens. Para produzir os dólares necessários, temos de vender 2.500 quilos de quartzo (do bom!). É uma gigantesca desproporção! É justo?

No processo de servidão, há hoje uma situação muito grave. Os países hegemônicos não satisfeitos em comerciar com gigantescas vantagens, em fazer "investimentos" em que são abusivamente beneficiados, estão ocupando todos os setores que dão lucro:

Alimentos: com empresas que produzem sementes híbridas e geneticamente alteradas, alijando as sementes naturais e obrigando os plantadores a ficar sujeitos ao seu fornecimento, controlando todos os níveis dos laticínios (industrialização e distribuição); adquirindo os supermercados, dominando, assim, a distribuição de alimentos. Deu no noticiário de um estado do Nordeste que o governo estaria estimulando a substituição das sementes naturais por sementes modificadas. Neste caso o que acontece? Desaparecem as sementes nativas e daí em diante os agricultores estarão nas mãos dos produtores de sementes para quem transferirão os seus lucros. É incrível que ainda haja quem diga haver vantagem nisto.

Telecomunicações: setor altamente rentável, principalmente o de celulares (pois compram energia (pouca), e vendendo o tempo de conversa fiada), permite importação de muitos equipamentos, exaurindo ainda mais os recursos nacionais.

Energia: nada existe no mundo sem energia. Até os seres vivos precisam da energia química dos alimentos para sobreviver. Toda a produção industrial e toda atividade humana depende de energia. Por isso há todo o esforço dos países hegemônicos e das transnacionais em controlar todos os setores energéticos. Seja o dos combustíveis, seja a produção e distribuição de eletricidade.

Minérios: matérias-primas. Muito pobres em recursos minerais, os países hegemônicos estão procurando controlar e ser proprietários, por intermédio de suas transnacionais, do maior

número possível de jazidas no mundo. É assim que cada mineral é controlado em todas as fases do seu aproveitamento por um pequeno número de empresas.

Então, o que está acontecendo? Os países hegemônicos mantêm-se firmes nos tradicionais setores de manufaturados e se apossam dos outros setores: serviços e produção de matérias-primas. Com isso, estão empobrecendo cada vez mais os outros países.

SEXTA

Energia: tudo que se move ou se transforma é energia.

Sem a energia não existe mundo. Os países hegemônicos, situados nas áreas temperadas e frias são muito pobres em energia. Estruturaram sua economia com fontes de energia baseadas em combustíveis fósseis: carvão de pedra e petróleo.

O primeiro tem graves efeitos para a ecologia (efeito estufa, chuva ácida); o segundo está acabando.

Um litro de petróleo das profundezas, bombeado, transportado, é mais barato que um litro de água engarrafada junto a uma fonte de água mineral.

Por que será? Por que o petróleo tende a ser barato? Porque assim os países produtores de petróleo permanecem pobres, ganham pouco com o petróleo e conseqüentemente os países industrializados, gastando pouco com o petróleo, podem obter lucros maiores e permanecer ricos, perpetuando a servidão.

Sendo a energia tão importante, não podemos permitir que a estrutura de sua produção e distribuição saia das mãos brasileiras para ser entregue aos estrangeiros. Por que, depois de todos os investimentos, entregar-se-ia o sistema para serem os lucros carreados para fora?

Ele tem de ficar aqui, ser reinvestido para melhorar a vida dos brasileiros.

SÉTIMA

Século XXI - o desenvolvimento tecnológico exige e exigirá mais a utilização de materiais até pouco tempo absolutamente ignorados.

Qual mineral é fundamental para a fabricação de turbinas de avião? E foguetes?

Isso se faz com nióbio, mineral há pouco tempo desconhecido mas que o Brasil detém 98% da produção mundial. Vendida a que preço? É tão importante estrategicamente que é difícil saber por quanto o nióbio é vendido.

Sem os minérios, não há como se fabricar os objetos do nosso uso.

O ferro para as ferramentas, o alumínio para latas e utensílios domésticos, o manganês para o aço dos carros, o zinco e cádmio para as pilhas, o estanho para os bronzes.

E vem uma boa pergunta.

Qual a situação dos países hegemônicos quanto aos minérios essenciais à produção industrial?

Responderemos: muito mal!

Dependem quase totalmente dos países da periferia.

Nós, brasileiros, temos todos os minérios essenciais.

DEPENDÊNCIA EM MINERAIS*

	EUA	UE**	JAPÃO		EUA	UE**	JAPÃO
Nióbio	100	100	100	Mica	100	83	100
Manganês	98	100	100	Cobalto	97	100	100
Mercúrio	91	97	100	Cromo	91	97	99
Tântalo	91	100	100	Platina	91	100	98
Estanho	82	80	85	Níquel	70	87	100
Zinco	57	57	48	Tungstênio	52	77	85
Antimônio	51	91	100	Vanádio	42	100	100
Cobre	13	80	80	Chumbo	13	44	47
Fosfato	1	99	100	Molibidênio	-	100	99

* Os números indicam os percentuais de dependência em relação à necessidade total de minérios.
** União Européia.

A disponibilidade de minérios do Japão é ZERO.

A disponibilidade européia é quase ZERO.

Os americanos têm absoluta falta dos minérios essen-ciais para as suas principais indústrias.

O Brasil é o principal fornecedor de ferro, manganês, alumínio para o Japão.

E manganês, nióbio, tântalo para os americanos.

Podemos dizer que eles estão se desenvolvendo graças às nossas exportações de matérias-primas a preços ínfimos.

É justo ficarmos apenas com o buraco e a miséria?

Agora, pode-se entender o porquê da preocupação das empresas transnacionais, com sede nos países hegemônicos, em transformar-se em proprietárias dos minérios.

É lógico! Vão garantir matéria-prima barata, quase pelo custo de extração e transporte.

Defendem e defenderão os direitos de propriedade mesmo que tenham sido obtidos por meios espúrios e até pela força. Terão até exércitos mercenários contra os povos nativos para garantir a servidão, a manutenção da situação de exploração.

Uma empresa estatal pode ser controlada, mas a empresa privada torna-se senhora e independente, e não admite qualquer inspeção na sua propriedade.

Haverá primeiro empresas de segurança, depois exércitos mercenários para protegê-las, como acontece na África.

Desejamos este futuro para o Brasil?

COM UMA EMPRESA ESTRANGEIRA, DONA DA MINA, DA ESTRADA DE FERRO, DO PORTO E DO NAVIO, QUEM VAI CONSTATAR E CONTROLAR O QUE ESTÁ SAINDO EM QUANTIDADE E QUALIDADE?

OITAVA

É justo o registro da patente de uma invenção. Mas é um absurdo patentear uma descoberta.

Num retorno ao passado, seria Galileu registrar a descoberta de que a Terra era redonda e o sol o centro do nosso sistema planetário ser possuidor exclusivo deste conhecimento. Pobres marinheiros descobridores dos novos mundos não poderiam viajar com a tranqüilidade de saber que a Terra era redonda se não pagassem direitos a Galileu.

Situados em regiões pobres do planeta, os países hegemônicos procuram se apropriar dos minérios e até da diversidade biológica dos países tropicais (periféricos). Com infeliz respaldo da lei de patentes do governo brasileiro aprovada com *lobbie*, as plantas da Amazônia estão sendo registradas a partir de estudos genéticos com o que, provavelmente, nos farão pagar, amanhã, taxas para tomar um simples chá das nossas próprias plantas.

Percebe-se que há um cerco visando manter o estado de servidão dos países periféricos, torná-los destinados a ser exclusivamente uma área "extrativista", o local de onde devem ser retiradas as matérias-primas a custo quase zero, mantendo-as para ser apenas consumidoras e sem produzir por conta própria.

Os países hegemônicos envidam, empregam muito empenho para se manter como os transformadores, os que industrializam as matérias-primas, não repassando os seus conhecimentos e tornando-se cada vez mais ricos.

NONA

Para a manutenção do cenário atual do mundo com os países hegemônicos (dominantes), mantendo para si altos padrões de vida e impondo aos países da periferia um presente e um futuro de dificuldades e pobreza, há cinco estratégias:

- invasão cultural;
- desmoralização das Forças Armadas;
- desmantelamento do sistema sindical;
- domínio dos meios de comunicação;
- ocupação econômica.

Invasão Cultural

Ela está óbvia nos letreiros das lojas. Na observação das camisetas vestidas pelos nossos jovens e crianças, a maioria com dizeres e figuras estrangeiras.

É alarmante quando, dentro do processo de dominação dos países hegemônicos, há uma infiltração, imposição de conceitos fora do interesse dos países periféricos. Agora, no caso do Brasil, está havendo uma aquisição, por capitais estrangeiros, das editoras, principais produtoras dos livros didáticos nacionais.

DOMINANDO O MERCADO EDITORIAL, IMPORÃO A CULTURA ESTRANGEIRA A NOSSOS JOVENS EM FORMAÇÃO.

Há evidente objetivo de destruição da nossa unidade lingüística. O Brasil, de extensão continental, tem apenas o Português falado em todo o seu território.

A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil, o artigo 13 da Constituição.

Desmoralização das Forças Armadas

O poder mundial é fundamentado na força. Cada vez mais os países hegemônicos, em decisões unilaterais, impõem o seu ponto de vista, o atendimento de seus interesses pelo uso da força militar.

As Forças Armadas, pela própria formação de seus membros e sua missão precípua estabelecida na própria Constituição de defesa da Pátria, constituem em importante reduto nacionalista.

Os meios de comunicação, dominados pelos seus principais anunciantes, as empresas transnacionais, sistematicamente colocam em evidência aspectos negativos dos militares, visando tirar-lhes a autoridade e liderança na defesa dos interesses nacionais. Fazem tudo para dividir a população brasileira. Colocam militar contra civil. Somos um só povo. Não podemos aceitar a fragmentação da unidade nacional, construída em séculos!

Temos tribos indígenas brasileiras e, não, "nações" em nosso território. Ontem os portugueses, com inteligentes e estratégicas fortificações, conservaram e nos legaram a Amazônia.

Hoje, os militares estão atentos e apesar de todas as adversidades, estão impedindo a invasão estrangeira na Amazônia.

Deve receber todo o nosso apoio!

Desmantelamento do Sistema Sindical

A estrutura sindical vem sendo construída a duras penas.

Logicamente, por definição, cada sindicato busca as condições de trabalho e salariais para os seus associados.

Neste últimos tempos, destaca-se a capacidade sindical de mobilização das populações para atos e manifestações públicas de suas reivindicações.

Evidentemente, não interessa às empresas transnacionais que dominam os mercados mundiais de minérios, energia, alimentos que a absurda exploração que está sendo feita seja conscientizada pela população.

Todo o esforço é para que haja apenas uma massa popular amorfa, apenas consumidora.

Para evitar que os sindicalistas mobilizem as populações, está evidente a infiltração, em seus meios, de pessoas que apenas querem divisões, desavenças, lutas por cargos, fatias de poder e interesses exclusivamente político-partidários. Assim, desgastam a imagem do sindicato perante seus associados e desperdiçam as energias que deveriam estar sendo canalizadas para a conscientização e o bloqueio da servidão internacional.

Torna-se evidente que, desagregado o sistema sindical, torna-se mais difícil a mobilização popular para resistir ao desmantelamento da estrutura de produção nacional.

Quanto aos salários, é omitido pelos meios de comunicação as causas essenciais que impedem reajustes. 64% do Orçamento Nacional está comprometido com o serviço da dívida.

A obrigação de atender tal compromisso impede melhorias salariais dos funcionários e investimentos nas áreas de saúde, educação e infra-estrutura.

Os europeus têm sido muito eficientes em criar desarmonias entre grupos africanos. Provocam lutas e desavenças antigamente aproveitadas para capturar os escravos e atualmente para introduzir exércitos mercenários que garantem as minas e os locais de interesse econômico com absoluta indiferença pela miséria das populações circunvizinhas.

Domínio dos Meios de Comunicação

"A quem eu devo o pão, a este eu devo a devoção."

Esta a situação dos órgãos de comunicação. Se a maioria dos anúncios vêm das empresas transnacionais, naturalmente não será publicada nenhuma matéria que contrarie os seus interesses.

O redator-chefe, ante uma nota, pequena que seja, que desnude aspecto potencialmente "perigoso", recebe um telefonema:

"Olhe, se continuar, tiramos os anúncios'.

Precisa mais?

Como fica o emprego e o leite das crianças?

Então, na prática, futebol, bunda e TV distraem a população e a abordagem apenas de assuntos emocionais, morte de uma figura conhecida, problema com um artista, ocupa os espaços, deixam os ouvintes emocionados e absolutamente esquecidos de que estamos sendo explorados e levados para a filosofia do boi: nascer, comer, crescer para viver como o dono quiser, e morrer com a boiada.

Ocupação econômica

Basta ser um pouco observador para perceber a avassaladora ocupação de todos os setores da economia.

De repente, nas lanchonetes e bares há um sem número de chocolates e balas importadas de países que não têm nenhuma das matérias-primas para a fabricação (nem cacau, nem açúcar, nem coco e nem café). Isso teoricamente indicaria que não teriam condições de concorrer com o nosso produto.

As fábricas brasileiras estão sendo compradas, às vezes, inicialmente, como uma parceria. Mas acabam por serem dominadas pelos estrangeiros, que têm muitas facilidades para dispor de capital.

Há um fato que muitas vezes passa desapercebido. As empresas "brasileiras", agora compradas, passam a apenas embalar os produtos aqui, quando não são fechadas.

É a mesma tática usada há muito tempo com Belmiro Gouvea. Compraram a fábrica de linhas apenas para jogar as máquinas rio abaixo, permitindo a continuação do domínio inglês no setor.

Ninguém mais fala no índice de nacionalização dos veículos feitos no Brasil. Muitas das fábricas fornecedoras de peças foram alienadas e muita coisa feita aqui passou a ser importada.

A constatação mais absurda é a dos bancos estrangeiros poder atuar no varejo, recolher depósitos, receber impostos e até fazer a "guarda" de recursos, a chamada custódia. Ou seja, ter em depósito os recursos de fundações, instituições e até órgãos governamentais. Isso dá uma disponibilidade de recursos enorme que permite lucratividade com recursos de terceiros, não os próprios. Logicamente, estes lucros serão remetidos e mais uma vez seremos exauridos em nossa economia. Há bancos com 15, 20 bilhões de reais sob custódia.

Empresas brasileiras principalmente, governamentais ou fundações só deveriam ter autorização para custodiar os seus recursos em bancos nacionais.

Qual a vantagem para o país com a presença de empresas estrangeiras apenas para vender derivados de petróleo (combustíveis). Colocarão brasileiros trabalhando no abastecimento ou até mesmo como "franquia" e remeterão lucros para o exterior. Este dinheiro deveria ficar aqui para melhorar a nossa vida. Estamos regredindo. Depois de desenvolver o nosso próprio sistema, permitimos a sua alienação.

Depois da Petrobrás conquistar um respeito enorme no país e no exterior, está sendo fragmentada em "unidades de negócio" com os seus chefes sendo iludidos com a possibilidade de que serão "donos" das novas empresas em sociedade com os estrangeiros. A realidade não mostra isso. As empresas estatais privatizadas que cairam na mão de estrangeiros deram-lhes domínio absoluto e todos os cargos principais e administrativos passaram a ser exercidos, pelos estrangeiros, além do esvaziamento dos centros tecnológicos e incremento das importações de materiais e equipamentos. É o isolamento completo dos profissionais brasileiros e esvaziamento da colocação da produção nacional.

Quanto representa em volume de dinheiro receber as contas de eletricidade de todas as casas de uma cidade? Com tudo instalado, fios percorrendo todas as localidades, relógios colocados, produção instalada. Tudo com dinheiro brasileiro. De repente, uma empresa estrangeira compra por preço irrisório o direito de receber os lucros desta atividade fundamental e remetê-

los para o exterior. Mais um vez temos exaurida a nossa economia e cresce a necessidade de dólares para remetê-los para o exterior. Ai ou vendem-se matérias-primas baratas ou emitem-se títulos com o conseqüente aumento da dívida.

Não podemos continuar assistindo passivamente esta "ocupação" do nosso país. Quem domina a economia ocupa o país sem o uso de armas.

O governo - o país - fica subjugado ao sistema financeiro pelos empréstimos desnecessários em dólares e os "investimentos" externos que se transformam em sugatórios de re-;cursos.

O cidadão comum transforma-se em servo da moeda, atraído para o consumo. É o desejo de possuir bens, mesmo a partir de necessidades básicas, ficando preso nos financiamentos, cartões de crédito, empréstimos.

O comerciante fica preso ao sistema financeiro porque compra mercadorias para pagar em 30 dias. Como não consegue vender um volume suficiente neste prazo, recorre aos bancos e depois aos agiotas. Trabalha para pagar juros (e olhe que agora sustenta bancos e financeiras estrangeiras).

O fazendeiro, com a natureza e os recursos naturais à sua mão, abandona as sementes naturais e fica subjugado ao uso de insumos agrotóxicos e fornecedores de sementes que levarão toda a produção e geração de riquezas para o sistema financeiro.

Do país ao cidadão, todos servos da moeda.

Diante dessa situação, não podemos mais aceitar a postura do "isso não é comigo".

Cada um de nós pode iniciar a sua microrevolução pessoal, criando uma nova consciência coletiva que há de inspirar a soberania nacional.

Parece simplório, mas a experiência prática já demonstrou que o aguçamento do espírito crítico e a permanente interferência em todas as situações e eventos prejudiciais aos brasileiros é capaz de transformar localmente estruturas e opiniões.

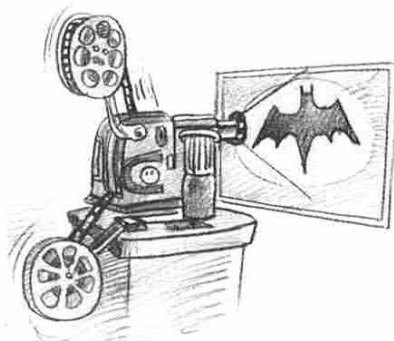
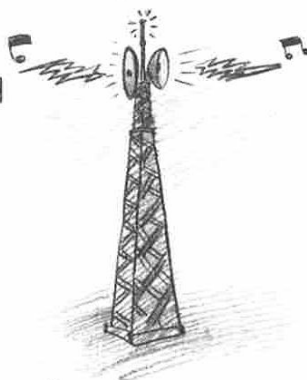
O que acontece em ponto pequeno acaba refletindo em ponto grande.

Isto representa acabar com o "isso não é comigo" - é com os políticos e o governo e o "não posso fazer nada " - sou impotente ante o poderio das grandes corporações.

I'M A SIMPLY BRAND NEW SUCKER

EMPRESAS BRASILEIRAS QUE FAZEM AS CAMISAS PAGAM OS DIREITOS DE USO DAS FIGURAS ESTRANGEIRAS. A REMESSA É EM MOEDA ESTRANGEIRA. AS NOSSAS CRIANÇAS DEIXAM DE USAR OBJETOS DAQUI, ESTIMULANDO OS PRODUTORES LÁ DE FORA E DEIXANDO OS DAQUI DESEMPREGADOS.

I'M A SIMPLY BRAND NEW SUCKER

ARTISTAS BRASILEIROS FICAM SEM TRABALHO. DESENCADEIA-SE TODA UMA SÉRIE DE DESPESAS. COMPRA DOS DISCOS, DOS FILMES, PAGAMENTOS DE DIREITOS AUTORAIS QUE VÃO GERAR NOVAS REMESSAS DE MOEDA.

Vamos lá, BRASILEIRO! Um pouco de boa vontade. Relacione o que pode fazer com relação à esta invasão cultural. Reaja. Execute. Faça alguma coisa.Use somente camisas com motivos nacionais. Reclame das músicas estrangeiras de baixa qualidade. Exija projeção de filmes brasileiros.

Nós aprendemos a pensar na nossa língua materna. Correlacionamos fonemas, imagens, imagens gráficas e construímos a maneira brasileira de expressão.

Isto não parece importante, mas nos reportamos à história contada por um médico.

Um casal trabalhava fora e deixava uma jovem babá tomando conta do seu filho.

Desavisada e por brincadeira, ela começou a ensinar à criança os nomes dos objetos trocados, o que era mesa dizia ser toalha, para cadeira dava o nome de chão, assim por diante.

É fácil imaginar a confusão criada na criança.

A invasão cultural estrangeira procura fazer um processo semelhante misturando palavras levando o estudo de línguas até para a pré-escola.

É muito preciosa, única no mundo, a nossa unidade lingüística. Ajude a preservá-la.

A microrevolução pessoal é estar atento a todos os detalhes da vida diária para impedir a instalação definitiva da servidão.

Vêm sendo descritas as distorções nos mais variadas setores e está bem claro que os assuntos de relevo não são discutidos e que a nossa atenção está sempre sendo desviada dos assuntos cruciais.

Relacionamos como ponto de partida para a conscientização dos brasileiros alguns assuntos que merecem ser muito discutidos.

1º - **PETROBRÁS**. Extraordinária conquista em investimento e tecnologia de um país periférico (não há igual no mundo). Afronta as empresas transnacionais que dominam o setor e por isso é alvo de intenso processo de tentativa de destruição.

2º - **AMAZÔNIA** - Pela diversidade biológica, extensão com poucos habitantes, reservas minerais, água é a área do mundo mais cobiçada pelos países dominantes.

3º - **FURNAS** - Produz boa parte da energia elétrica do país. Sem energia não somos nada. Não há nenhuma justificativa para transferir para terceiros (principalmente estrangeiras) as principais fontes de energia do país. Haverá perda de

patrimônio, o Estado terá detido o fluxo de rentabilidade do sistema e ainda teremos de trabalhar a aquisição de dólares para a remessa destes lucros para o exterior.

4º - **TRATADO DE ALCÂNTARA** - A base de lançamento de foguetes é a melhor situada no planeta e permite uma economia de combustível importante para colocar satélites em órbita. Está em andamento um tratado com os Estados Unidos inteiramente lesivo aos interesses do Brasil. Além de sermos tolhidos no desenvolvimento de tecnologia própria, nos transformaremos em alvo em qualquer antagonismo mundial. Estaremos permitindo pela primeira vez na história uma base estrangeira no país . E ainda não podemos ter certeza de que poderia ser ponto de partida de agressores ao nosso território em alguma eventual desavença. Um dos argumentos que os países hegemônicos utilizam é a "persuasão" pela demonstração de força e ameaça tecnologia. Esta traição ao país tem de ser bloqueada.

5º - **A INVASÃO DO SISTEMA DE BANCÁRIO NACIONAL PELOS BANCOS ESTRANGEIROS** - Já foi descrito neste livro. Mas é bom sempre ter em mente que é um problema que deverá ser combatido pelos brasileiros. Não há nada que sedimente com força a nossa permanência como servos da moeda e "extratores", apenas fornecedores de matérias-primas do que o domínio do sistema bancário.

Neste caso, os nossos próprios recursos seriam utilizados para nos escravizar!

6º - **OS FINANCIAMENTOS DESNECESSÁRIOS EM DÓLARES** - Denuncie sempre. Os políticos em sua maioria ficam apagados à conquista de votos e procuram realizar obras. Eles não hesitam em comprometer gerações com endividamento, mesmo tendo de sacrificar os salários dos funcionários.

7º - **NÃO COMPRE IMPORTADOS, PROTEJA OS EMPREGOS NO BRASIL** - É uma boa medida como brasileiro nacionalista procurar os produtos fabricados no Brasil por empresas brasileiras.

VISÃO MUNDIAL

Se o leitor já tem na mente alguns assuntos que podem fazer parte da sua microrevolução pessoal, levando avante o extraordinário trabalho de criar uma nova consciência nacional, poderá, agora, fazer algumas reflexões em termos de alguns princípios bastante divulgados no pensar ocidental.

Antigamente, consideravam que segmentos da humanidade não tinham alma e tudo poderia ser feito com eles. Agora, temos a despersonificação dos seres humanos transformados em consumidores ou simplesmente "mercados".

Ninguém aceita, nos dias atuais, o escravo, o sem alma, o servo da gleba sem perspectivas e subjugado aos poderes de alguns.

Na época, tudo era aceito em função dos princípios éticos e religiosos que balizavam a vida das pessoas. Havia o direito divino dos nobres, os escolhidos e os que deveriam sofrer pela recompensa de uma vida celeste após a morte›

Também hoje há alguns pensamentos que vêm sendo repetidos sem muito questionamento e que terminaram determinando uma acomodação ou pelo menos um posicionamento de que o mundo é assim mesmo.

"Eu penso, logo existo."

É o pensamento dominante no Século XX.

É o pensar individualista. Eu penso, eu resolvo, eu domino a natureza.

Eu penso.

Eu existo.

Não é isto!

Eu não existo porque penso.

Eu existo porque algumas maravilhosas bactérias após muitas tentativas frustradas e/ou progressivas estabeleceram uma simbiose. Reuniram-se cada qual com a sua aptidão e saiu um todo melhor que as partes - a célula.

Eu existo por causa da simbiose da natureza em que a terra, quase como um grande organismo, mantém nível de oxi-

gênio, temperatura e pressão dentro da estreita faixa em que conseguimos sobreviver.

Existo pelas árvores que foram capazes de desenvolver o maravilhoso sistema, que capta a energia do sol e a armazena sob a forma de açucares, amidos e que eu não sou capaz de fazê-lo.

Eu existo pela eqüidade das células componentes de todo o meu corpo, reunidas em várias tarefas comuns, com sua individualidade afirmada, sem que as células do anus queiram ser as células da cabeça. Todas num dinâmico trajeto entre o equilíbrio e o desequilíbrio, recebendo oxigênio e soltando gás carbônico, cada uma exercendo seu papel para o conjunto - isso é conjunção.

"O trabalho mental é superior ao manual" é outro conceito que vigora na nossa sociedade e que na época colonial brasileira era levado ao extremo de que um filho do colonizador com escrava, se exercesse alguma atividade braçal, continuava escravo. Mas se permanecesse afastado dos trabalhos manuais era considerado nobre. Bastava o documento cartorial dizendo que era um filho do colonizador.

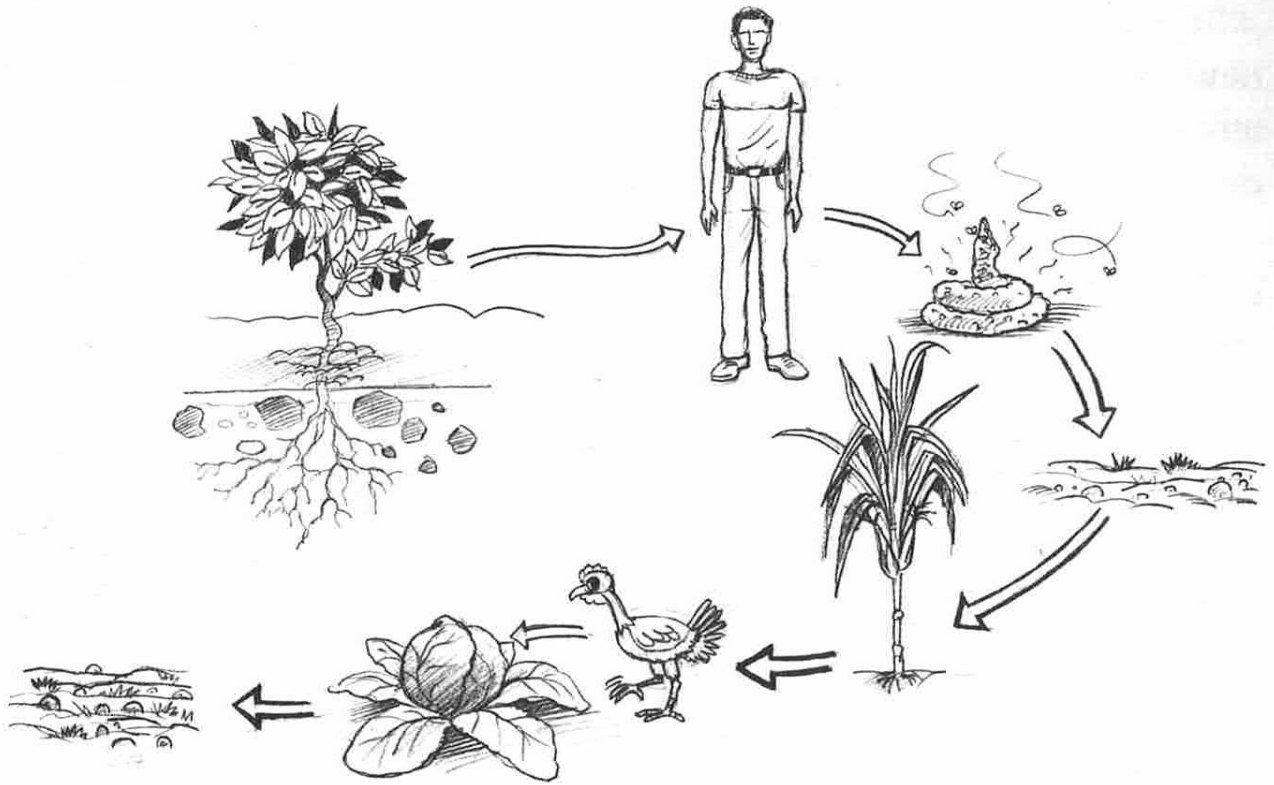
Hoje, os civilizados "superiores" estão nas academias de ginástica fazendo cada vez mais esforço físico. Não seria uma busca do equilíbrio?

O conceito da superioridade mental leva à admissão de que o trabalho do especulador é melhor e deve ser altamente remunerado e não o do produtor, o que produz os nossos imprescindíveis alimentos.

Os especuladores podem desaparecer mas os agricultores não...

"O conhecimento pode e deve ser usado para dominar e controlar a natureza."

Tal linha de raciocínio chega ao apogeu no instante em que os segmentos dominantes se acham no direito de escutar e invadir todos os lugares, e penetrar na intimidade dos países e pessoas. Felizmente, já está havendo a reação dos que não aceitam tal estado de coisas.

A natureza não é para ser dominada, mas para estar em conjunção com a extraordinária e gigantesca cadeia dos átomos passeando pelo mundo.

Já imaginou que um átomo que esteve em você, compondo o seu organismo poderá estar ali ao lado, num animal ou numa planta?

É extradordinário pensar na dinâmica de um átomo de ferro como exemplo do entrelaçamento de todos os seres e substâncias no mundo.

Num instante está no solo e com a ajuda de bactérias, passa para as raízes de uma planta (espinafre). Usado como alimento pelo homem, vai compor uma hemoglobina incorporada à hemácia. Circulando pelo corpo humano ora estará levando oxigênio para o cérebro, ora ao rim. Estará no intestino e, vamos supor, quando estava na bochecha, uma mordida provocou sangramento e o átomo de ferro compondo a hemoglobina, foi cuspido no chão. Está novamente no solo. Para onde irá?

No mundo há uma interligação de tudo. Quando o existir fica num pensar individual e, por exemplo, um moradores dos países frios, precisa de aquecimento, vai usar carvão-de-pedra. Esquecerá completamente o efeito estufa que afeta toda a natureza, o mundo inteiro.

Individualista e sendo a moeda considerada a própria riqueza, não haverá nenhuma preocupação com as comunidades, somente com o almejar lucros crescentes.

Nunca vão pensar que estamos em conjunção com a natureza, nem respeitarão a eqüidade, os valores e a capacidade própria da atividade humana. Não conseguem entender a simbiose, o espírito de servir ao conjunto para a melhoria do todo.

Aqui, chegamos ao âmago da questão do viver - as contradições entre individual e conjunto, entre a competitividade e a simbiose.

Voltamos à hemoglobina - o pigmento encontrado nas hemácias - células vermelhas do sangue - capaz de transportar o oxigênio retirado do ar pelos pulmões, para todo o organismo impulsionadas pelo bater do coração, por intermédio dos vasos sanguíneos.

Vamos supor que, de repente, a hemoglobina ficasse "aborrecida" e resolvesse não mais fixar oxigênio ou então a perversa sociedade em que estamos mergulhados resolvesse colocar tóxicos, entupir o ambiente com CO (monóxido de carbono).

Este é um gás que sai da descarga dos automóveis, capaz de bloquear a atividade normal da hemoglobina.

O simples bloqueio da função da hemoglobina prejudica o organismo e pode fazer o conjunto morrer. Somos um conjunto.

Se o sistema financeiro deveria levar recursos aos diversos segmentos da sociedade para o seu desenvolvimento e melhoria da vida, podemos considerar, hoje, que ele está envenenando a hemoglobina da vida social.

O sistema de valores está alimentando a ilusão do crescimento ilimitado. Bolsas com lucros crescentes. Todas as atividades especulativas sempre cada vez com melhores resultados.

Para dar ganhos sempre crescentes, há necessidade de mais juros, mais dinheiro e os países periféricos com suas populações são cada vez mais exigidos, sugados impiedosamente. Caminham para tal dificuldade que a sobrevivência está ameaçada - há o sombrio evento de não ser mais possível pagar as dívidas que se acumulam.

Na falta de sustento, desabam os ganhos com os virtuais (jogos da bolsa, ordens de computador, esquema do papel pintado transformado em valor).

Uma analogia mostraria melhor a situação.

Uma pessoa está com câncer. Nesta situação, algumas células rebelaram-se do conjunto do organismo e passaram a programar o seu crescimento isoladamente. Não interessa nada, têm de conseguir todos os elementos para si. Todos os nutrientes são sequestrados para poder crescer e se reproduzir. Nasce o tumor que vai sorver todas as forças do organismo. Resultado: o conjunto, o corpo se desequilibra e morre.

Esta é a situação do mundo. Os grupos dominantes transformaram-se em câncer e têm de crescer ilimitadamente. Para isso, estão transformando os seres humanos em servos da moeda, vivendo apenas para atender às necessidades do sistema. Todos resumindo a vida em pagar financiamentos e juros com muita exploração.

Quando o sustento dado pelos títulos dos países periférios acabar o conjunto morre. Os papéis virtuais viram "nada". Até quando a ciranda rodará?

A sociedade mundial está com "câncer no mundo econômico." Os povos da periferia têm de ser despertados. Têm de sair do destino de servos da moeda.

Neste processo, o Brasil tem papel preponderante. Pela extensão territorial, unidade lingüística, riqueza mineral, biodiversidade, incidência de sol, abundância de água, apresenta todas as condições de se transformar no Século XXI na vanguarda do futuro.

Outros livros do autor:

CAMINHOS DE OLHAR O MUNDO - a estruturação da personalidade o porque somos como somos.

CRIAÇÃO DE FILHOS. Discussão dos pontos polêmicos atuais na criação de filhos.

NAÇÃO DO SOL - Preliminares - co-autoria com Bautista Vidal - Energia nos diversos aspectos.

NAÇÃO DO SOL - A Descoberta do Ser Brasileiro - a partir da torcida pela relação, uma discussão do ser brasileiro na vida cotidiana - música, língua, auto estima, economia, minérios.

AMAZÔNIA, IMPÉRIO DAS ÁGUAS. Co-autoria com Bautista Vidal e Roberto Gama e Silva. A Amazônia é alvo de muita cobiça internacional - veja porque e como defendê-la.

PEDIDOS PARA:

Rui Nogueira
Editora Nação do Sol
Caixa Postal 08862
AC-SHS-BSB
Cep: 70312-970
Brasília-DF

Rio (0xx21) 627-3527

Brasília (0xx61) 343-1553

SERVOS DA MOEDA

Servos da Gleba nos tempos antigos,
agora somos Servos da Moeda.
Passamos a vida toda pagando
financiamentos e juros. Perdemos a noção
de que tudo do nosso uso diário vem
da natureza - minérios e vegetais.
O dinheiro deixou de ser a
representação da riqueza para querer
ser a própria riqueza. Isto acarreta
profundas alterações éticas na vida
do dia-a-dia. O dinheiro adquire um
excesso de valor, a pessoa de bem
é a que paga em dia (não valem outras virtudes)
e seu perfil é traçado pela conta bancária
e cartões de crédito.
Leia neste livro o que os donos
do dinheiro e as corporações transnacionais
fazem para manter a servidão na
maior parte da humanidade.

ISBN 85-900902-5-6

NAÇÃO DO SOL